

LITERATURA TOCANTINENSE EM FOCO

ENSAIOS E REFLEXÕES

Organizadores:

Clarissa de Sousa Oliveira McCoy

Janaína Senem

Rubens Martins da Silva



EDITORA
UNITINS

Reitor

Augusto de Rezende Campos

Vice-Reitora

Darlene Teixeira Castro

Pró-Reitora de Graduação

Alessandra Ruita Santos Czapski

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Ana Flávia Gouveia de Faria

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários

Kyldes Batista Vicente

Pró-Reitor de Administração e Finanças

Ricardo de Oliveira Carvalho

Equipe Editorial

Editora Chefe

Liliane Scarpin Storniolo, Unitins, Brasil

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Leandro Dias de Oliveira, Unitins, Brasil

Apoio Técnico

Andréia Luiza Dias, Unitins, Brasil

Joelma Feitosa Modesto, Unitins, Brasil

Julienne da Silva Silveira, Unitins, Brasil

Leitura de Prova

Mariana da Silva Neta, Unitins, Brasil

Rodrigo Vieira do Nascimento, Unitins, Brasil

Conselho Editorial

Alessandra Ruita Santos Czapski

<http://lattes.cnpq.br/1441323064488073>

Eliene Rodrigues Sousa

<http://lattes.cnpq.br/5857623231904159>

Kyldes Batista Vicente

<http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>

Mariany Almeida Montino

<http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>

Rodrigo Vieira do Nascimento

<http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>

Darlene Teixeira Castro

<http://lattes.cnpq.br/8766578585291045>

Jeferson Moraes da Costa

<http://lattes.cnpq.br/8929854109676237>

Lilian Natália Ferreira de Lima

<http://lattes.cnpq.br/6290282911607995>

Michele Ribeiro Ramos

<http://lattes.cnpq.br/1032124853688980>

Vinícius Pinheiro Marques

<http://lattes.cnpq.br/7300803447800440>

Contato

Editora Unitins

(63) 3218-4911

108 Sul, Alameda 11, Lote 03

CEP.: 77.020-122 - Palmas - Tocantins

L776 Literatura Tocantinense em foco: ensaios e reflexões (livro eletrônico)/ Organizado por:
Clarissa de Sousa Oliveira McCoy; Janaína Senem, Rubens Martins da Silva – Palmas
TO: Unitins, 2023.
79p.; color.
2,40 Mb; ePUB
Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/editoraunitins/issue/archive>
ISBN 978-65-86285-74-1
1 Tocantins. 2 Literatura. 3 Autores. I. McCoy, Clarissa de Sousa Oliveira.

CDD 808.009

Prefácio

Michelly Bottega¹

O livro *Literatura Tocantinense em foco: ensaios e reflexões* traz uma coletânea de textos que visam refletir sobre produções literárias caracterizadas como tocantinenses. Tais reflexões são produtos resultantes da oferta de cursos pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual do Tocantins, bem como da realização de estudos e pesquisas ligadas ao contexto da educação básica e superior.

A chamada *literatura tocantinense* é ainda uma modalidade muito recente, pois leva em consideração o processo de formação e colonização do estado do Tocantins, ocorrido em 1988. Assim, a literatura produzida aqui se constitui pelos processos sócio-histórico-culturais da formação do estado, bem como pelo seu caráter de estar em constante desenvolvimento.

Em sua tese de doutorado intitulada “*Serra dos Pilões-Jagunços e Tropeiros e Mandinga: uma literatura de formação no Tocantins*”, José Manoel Sanches da Cruz afirma que devido à recenticidade da criação do Tocantins, é natural que as produções literárias expressem os elementos externos (paisagem, elementos da natureza, fauna e flora), os costumes, e os dialetos linguísticos presentes na região. Além disso, ainda segundo Cruz (2008), o processo de colonização do estado, com grande influência da chegada de criadores de gado, reverbera especialmente na literatura fundadora do Tocantins, por meio de narrativas que incluem referências às atividades agropecuárias.

Os capítulos desenvolvidos nesta coletânea buscam dar maior visibilidade às produções literárias tocantinenses como uma porção da Literatura Brasileira. Isso significa que os textos aqui arranjados procuram trazer, ainda que brevemente, a riqueza da literatura produzida no Tocantins, sem limitar a pluralidade de suas manifestações.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada em Letras Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: michelly.bottega@gmail.com

Apresentação

Leomar Alves de Sousa¹

Este livro resultou de diferentes incursões pedagógicas, investigativas e teóricas sobre a literatura tocantinense. Isso significa que as discussões apresentadas em cada um dos capítulos congregam esforços de pesquisadores para, de certo modo, possibilitar o conhecimento da literatura produzida no Tocantins e, conseqüentemente, oportunizar que ela alcance espaços de escolarização na Educação Básica e Superior.

As abordagens apresentadas em cada texto funcionam como fontes potenciais ao conhecimento de uma literatura querendo ser conhecida, ou seja, ser utilizada nas atividades escolares. Assim, a Literatura Tocantinense encontra-se em foco em razão das possibilidades de sua contribuição para a formação de leitores, bem como para o potencial desenvolvimento de pesquisas básicas e avançadas em estudos literários.

Composto de sete capítulos, este livro tem como texto de abertura o trabalho intitulado *Por uma literatura no Tocantins: o lugar social da mulher na obra “a vida é a margem”, de Josué Luz*. Na condição de primeiro capítulo, as discussões apresentadas pelos autores deste texto congregam reflexões sobre o lugar social das mulheres, ou seja, os espaços que elas ocupam ou pelo menos tentam ocupar em meio ao autoritarismo masculino. Fundamentalmente, este texto não se ocupa em discutir se existe ou não uma literatura dita regional, a chamada literatura tocantinense, pois o seu foco está centrado em discutir a questão social da mulher, seu papel, sua marcação discursiva, e de que forma a voz do narrador apresenta as personagens femininas nas narrativas.

O segundo capítulo apresenta uma análise sociológica da *Janelas Poéticas* (2005), de José dos Reis. De modo geral, a abordagem faz uma apresentação do percurso literário ao longo dos séculos. Por conseguinte, apresenta explicações sobre o que caracteriza a literatura tocantinense, bem como uma análise de viés social do eu lírico apresentado nos poemas “Estou abandonado” e “Vivência”. Nas considerações finais, as reflexões apontam que a expressividade poética de Reis (2005), escritor tocantinense da cidade de Colinas, converge para a percepção de cidadãos em situações de rua. Aponta também para a realidade das desigualdades sociais responsáveis pela elevação dos índices de desemprego e da ausência de condições dignas de sobrevivência.

O terceiro capítulo faz menção à valorização de aspectos regionais, ou seja, os valores pertencentes ao povo tocantinense. Nesse sentido, o enfoque converge para a percepção das aventuras do personagem Zé Lorota, o qual, na condição de protagonista, é um sertanejo de origem humilde e vida campesina. É também um homem idoso descendente de escravos africanos que não teve a oportunidade de estudar. Porém, é um homem sábio à sua maneira, pois sabe o sufi-

1 Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins - UFT/2019. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade Rio Sono/2012). Graduado em Letras pela UFT/2015. Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa e Literatura e ensino de poesia. E-mail: ramoel05@gmail.com.

ciente para seguir com sua vida simplória. Sua maestria em contar histórias faz dele um homem admirado e respeitado por todos.

O quarto capítulo apresenta reflexões a respeito das finalidades da literatura tocantinense. É, portanto, um texto que provoca no leitor inquietações a respeito do uso dessa literatura como meio de identificação e de contato com as obras publicadas por escritores tocantinenses. De modo geral, a abordagem apresentada converge para a percepção de que a Literatura Tocantinense é como um rio, como o rio Tocantins, de nascente longínqua (*ou histórica*), onde o corpo de água fluente segue seu curso até se dividir em dois braços (*função social e política*), desaguando em outro rio (*repertório literário do leitor*), sendo difícil delimitar o seu fim.

O quinto capítulo corresponde a um percurso investigativo sobre experiências resultantes de alguns textos lidos durante a oferta de um curso de extensão. Para tanto, o conto “Lavadeira”, de autoria do escritor tocantinense Dourival Santiago, dá o tom da aventura literária proposta. Tal qual a experiência de estudo do autor do texto, a leitura de obras literárias tocantinenses são aventuras que se deve experimentar em razão das descobertas que elas oportunizam.

O sexto capítulo tem como base o resultado de uma investigação pela conclusão do curso de graduação em Serviço Social sobre a representatividade da voz social feminina na obra literária “A vida é a margem” (2006), do escritor Josué Luz. De modo geral, este trabalho está fundamentado na problematização de que os espaços de representatividade da voz social feminina podem ser reconhecidos quando os efeitos do enfrentamento das tentativas de silenciamento são superados a partir de determinados mecanismos. Diante disso, esta abordagem é, também, um convite à leitura de obras literárias, em especial as produzidas no Tocantins, pois, a partir delas é possível a realização de investigações científicas sobre a valorização da voz feminina em condições históricas, culturais e sociais.

O sétimo capítulo resultou da associação de estudos realizados em atividades de mestrado e de atuação docente na educação básica. Por isso, é um trabalho que congrega inquietações sobre a potencialidade da literatura nos seguintes questionamentos: o que representa a literatura tocantinense para os professores e alunos? Os contos tocantinenses são lidos pelos estudantes da educação básica ou superior? Os autores abordam que não há respostas prontas a se atingir, pois os sentidos literários são amplos e provocadores de novos questionamentos. Consequentemente, as discussões apontam para a vertente de que as obras literárias tocantinenses estão nas bibliotecas escolares para serem apreciadas e, sobretudo, exploradas em diferentes ações de leitura.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

POR UMA LITERATURA NO TOCANTINS: O LUGAR SOCIAL DA MULHER NA OBRA A VIDA É A MARGEM, DE JOSUÉ LUZ.....7

CAPÍTULO II

ESTOU NA RUA, MAS SOU UM CIDADÃO: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA OBRA JANELAS POÉTICAS (2005), DE JOSÉ DOS REIS.....26

CAPÍTULO III

A VALORIZAÇÃO DO REGIONALISMO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DA OBRA “AS AVENTURAS DE ZÉ LOROTA”, DE FRANCISCO DUARTE.....36

CAPÍTULO IV

PARA QUE SERVE A LITERATURA TOCANTINENSE?.....42

CAPÍTULO V

AVENTURAS LITERÁRIAS NO TOCANTINS.....49

CAPÍTULO VI

A REPRESENTATIVIDADE DA VOZ SOCIAL FEMININA NA LITERATURA TOCANTINENSE.....53

CAPÍTULO VII

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA TOCANTINENSE NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....86

CAPÍTULO I

POR UMA LITERATURA NO TOCANTINS:
O LUGAR SOCIAL DA MULHER NA OBRA *A VIDA É A MARGEM*,
DE JOSUÉ LUZ

Davi Pereira Gomes¹

Josefa Rodrigues dos Santos²

Considerações iniciais

Pensar a literatura em formação é pensar a construção de uma identidade cultural, social e política. Assim, se constituem as literaturas, sempre preservando as ideias, a cultura local e universal como também a formação poética de um determinado povo. Ante isso, temos a ideia de que literatura e nação são correlatas, ou seja, uma depende da outra para se constituir como também pensamos que um país, um povo, não sobrevive sem cultura, sem uma historicidade, sem uma formação intelectual, folclórica e popular. Nesse contexto, a literatura pode ser definida, segundo Domingos José Gonçalves de Magalhães (1980), da seguinte forma:

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência (MAGALHÃES, 1980, p. 01).

Desse modo, a literatura está intrinsecamente ligada à constituição social e cultural de um povo, de um local, de uma sociedade. Ela é uma constituição estética, social e política, visto que ela forma, informa, humaniza, e ensina ao mesmo tempo. Nas palavras de Antônio Candido (2004) a literatura teria uma função. Para o autor:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez mais humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 2004, p. 176).

Diante disso, a literatura é uma construção da palavra poética que está totalmente ligada a questões identitárias de determinados povos e nações, tendo seu viés humanizador e instruidor. Ela verifica e apresenta os caminhos para construção de uma identidade. Ressaltamos, porém, que

1 E-mail: dvgomesuft@gmail.com

2 E-mail: jucyrnatos73@gmail.com

ela não fixa essa identidade, uma vez que as identidades não são fixas, mas vão se constituindo ao longo do tempo e dos acontecimentos, como bem orienta Stuart Hall (2005), quando diz que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2005 p. 38).

Sendo a identidade uma construção em constante processo de transformações e adaptações, a literatura também muda ao longo do tempo sendo entendida em diversos períodos de formas diferentes e produzindo valores que conferem a ideia de pertencimento de um lugar, de um povo, de uma determinada cultura.

Produzimos literatura porque temos necessidade da arte, da palavra poética, das narrativas que nos fazem vibrar, do prazer em produzir e consumir literatura. A literatura é a arte da palavra e ela está totalmente ligada a ideia de nação, de um imaginário fantástico e do real, sendo sua formação uma “comunidade imaginada” como nos salienta Benedict Anderson (2008), pois é por meio da narrativa, seja oral ou verbal, que se consolida a ideia de povo, de lugar de pertencimento.

Ainda sobre a literatura na formação da nação, Appiah (1997, p. 93) salienta que “[...] “literatura” e “nação” dificilmente poderiam deixar de se encaixar: desde o começo, elas foram feitas uma para outra”. Dessa forma, não podemos iniciar nossas discussões a respeito de uma literatura de formação no Tocantins sem antes nos voltarmos um pouco para essas discussões sobre a constituição de um fazer poético, literário e identitário. Ribeiro (2021), ao falar sobre a constituição de uma identidade literária, assevera que:

Discutir uma identidade literária pressupõe reconhecer nesta produção aqueles traços que o diferenciam de outras literaturas. Por mais que reconheçamos que há fatores semelhantes que aproximam as literaturas em cada estado brasileiro, há que se considerar a existência de uma literatura brasileira manifestando-se de forma diferente em cada unidade da nossa federação (RIBEIRO 2021, p. 94).

A construção de uma literatura no Tocantins marca o início de um novo tempo para o povo do então norte goiano. Procurando apresentar uma marca regional dos lugares e povos que habitavam o norte de Goiás, a literatura tocantinense é filha da literatura goiana. Essa assertiva se respalda na fala de Ribeiro (2021), ao mencionar que:

A literatura do Tocantins é filha da literatura goiana e o seu precursor é o escritor Eli Brasiliense, que se consagrou na literatura como romancista do norte de Goiás. Em 1949, o autor publica o romance *Pium*, abordando a temática da garimpagem do cristal, no distrito de Pium, no município de Porto Nacional, em meados do século XX. Essa atividade é responsável pela criação de várias cidades do Tocantins, dentre elas Cristalina, Cristalândia, Paraíso do Norte, Formoso do Araguaia, Wanderlândia, Xambioá e outras (RIBEIRO, 2021, p. 96).

Meio tímida, mas sucinta e com muito gás, a literatura produzida no Tocantins foi se for-

mando e se solidificando. Todavia, ainda não temos uma literatura constituída e solidificada como apontam os críticos literários, mas temos uma manifestação literária que vem ganhando espaço a cada dia com produções que possuem uma qualidade literária e estética. Tais produções contribuem para a consagração de uma literatura forte e de muitos desdobramentos. Sobre essa literatura de formação, Ribeiro (2021) assevera:

Pode-se dizer, portanto, que até o momento, não há um sistema literário formado, como propõem Antonio Candido, ou seja, autor, obras e um público leitor. O que temos são produções esparsas, apesar de apresentar um número considerável de autores e de obras, porém não há uma circulação regular e sistemática dessa produção que seja capaz de formar um público consumidor. Apesar disso, é notório que a literatura aqui produzida já marca um começo e cria perspectiva de posição futuras, revelando tendências, crenças e sentimentos a serem desenvolvidos na medida em que avança o processo de consolidação política e identitário do Estado (RIBEIRO, 2021, p. 94).

Asseguramos que a produção ora desenvolvida no Estado caminha para uma consistência a se firmar com requinte entre as literaturas produzidas em outras regiões, por apresentar obras que em nada é insuficiente, apresentando enredos carregados de regionalismos marcando o lugar, a cultura local, as crenças e o folclore da região. Desse modo, a literatura é um organismo vivo que sobrevive e sofre mudanças ao longo do tempo e tem um fio condutor em cada momento da história. Conforme Candido (2006),

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e os quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2006, p. 83).

Sendo, pois, a literatura um organismo vivo e sobrevivendo aos obstáculos do tempo e das provocações que tentam diminuir seu valor e sua função, ela reúne fantasias, os mitos, as lendas de um determinado local, de um determinado povo e de uma determinada época. Ela carrega consigo a responsabilidade de ser o elo que nos liga ao passado e projeta o futuro de uma nação; ela escreve e prescreve a história e seus acontecimentos com verossimilhanças do cotidiano.

Destarte, neste texto, queremos apresentar uma pequena discussão a respeito da literatura regional que comumente registra fatos e acontecimentos em uma sociedade desigual que exclui o sertanejo, o vaqueiro, os cangaceiros, o negro, a mulher, dentre outras personagens marcantes e vigentes nas literaturas tidas como regionais.

Nas palavras de Candido (1999), a literatura regional existe e sempre existirá nas narrativas de constituição literária da América Latina, tendo em vista a grandeza das desigualdades e da exclusão social, o que faz com que escritores tenham a necessidade de narrar seu povo, seus costumes e seu lugar de origem para denunciar e se fazer visível em uma sociedade desigual. Em relação ao regionalismo no Brasil, Candido (1999) afirma que:

A sociedade brasileira é assustadoramente desigual quanto aos níveis econômicos e os graus de progresso técnico. Daí produzir tipos extremos, que por sua vez produzem maneiras muito discrepantes dos grupos sociais se verem e se avaliarem. Baseado na descrição de áreas rurais pouco desenvolvidas, o regionalismo teve aspectos positivos, como destacar as culturas locais, com seus costumes e linguagem (CANDIDO, 1999, p. 66).

Nosso objetivo não é discutir se existe ou não uma literatura dita regional, pois é um fato, mas apresentar que lugar do papel social ocupam esses sujeitos que são excluídos dos grandes centros e que encontram na narrativa regional seu lugar de fala. Para tanto, iremos focar na questão social da mulher, seu papel, sua marcação discursiva, e de que forma a voz do narrador apresenta as personagens femininas nas narrativas.

Com esse propósito, acolhemos o texto do escritor tocantinense Josué Luz, a obra *A vida é a margem*, livro publicado em 2006 pela editora Kelps. Trata-se de um romance marcado pelo conflito entre uma família que luta pela sua sobrevivência e um coronel injusto, egoísta, poderoso, vingativo, e que possui o controle dos assuntos atinentes à cidade e ao município, palco do ato da criação literária. O narrador consegue apresentar com sabedoria o cerrado brasileiro, sua vegetação, seus rios, suas árvores e a vida animal em toda a sua exuberância e diversidade.

A vida é a margem: o lugar social da mulher na narrativa

De enredo simples, a obra apresenta uma narrativa que se constitui com traços de oralidade e de muita tensão. *A vida é a margem*, é um romance produzido no Tocantins que fala de sua cor local, sua flora e suas peculiaridades, apresenta nomes de cidades fictícias com sinais de realidade, com personagens que vão de posseiros a grandes coronéis. É uma história narrada em terceira pessoa, com personagens típicos de um romance tradicional da literatura brasileira.

Composto por sete capítulos, o romance retrata o cenário do interior do Tocantins, mais precisamente o extremo norte do estado, conhecido como Bico do Papagaio. Essa região foi, por muito tempo, de difícil acesso e, majoritariamente, habitada por pessoas simples e do campo.

O romance não se distancia muito da realidade local, porquanto apresenta o cenário como calmo e, ao mesmo tempo, repleto de conflitos entre os grandes proprietários de terra e as pessoas que buscam um lugar para viver, mais conhecidas como posseiros. De modo geral, os posseiros são pessoas que vivem a peregrinar por terras que não são suas em busca de sobrevivência. Geralmente, vivem em grupos de pequenos produtores e mantêm um contato entre si, fazendo assim, uma partilha de tudo que produzem por meio da terra e da criação de animais. No romance, podemos ver esse laço de amizade entre Belizar e o velho Sá.

Em seu primeiro capítulo, observamos a fidelidade com que o narrador nos apresenta o cenário que traz consigo uma sensação de vida e de tranquilidade, com o retrato de vegetação frutífera, das vidas que dependem dessa flora para sobreviver, e dos seres humanos que habitam e trabalham na terra para o cultivo de sua subsistência. Podemos notar a riqueza com que o autor nos apresenta o cenário que principia o romance no excerto a seguir:

O galo rúbido, na sua canção rotineira, dá o primeiro alerta em cima do poleiro cinzento. Os grilos, formam um coral majestoso na floresta fechada, acordam a passarada nos confins do sertão. Na palhoça, casa com parede de sapé e coberta com palha de piaçaba, aparece um vulto empurrando a trêmula porta de buriti. O mesmo vulto solitário sai com uma enxada sobre o ombro em direção à pedra de amolar, que ficava próxima à casa, embaixo de um pé de pequi, árvore frutífera, muito comum na região Norte. (...) o despontar de aves coloridas com revoadas e cantos, cada vez mais nítidos, que, ora sumiam, ora voltavam. A juriti dispara e corta o matagal fúlvido, com seu grito fino e corpo esfarrapado. Os macacos espreguiçam-se, passivamente, nos galhos grossos dos jatobás molhados de sereno que o escuro deixou (LUZ, 2006, p. 19).

Nesta passagem, é nítido como o narrador vai descrevendo a cena que compõe o primeiro capítulo do romance. A partir desse trecho, é possível ter uma noção da vegetação, da vida animal, e da simplicidade dos que habitam essas terras as quais o narrador bem descreve como “sertão”, região correspondente ao antigo norte goiano, onde atualmente é o Tocantins. O romance não apresenta específica marcação de tempo para os acontecimentos narrados. Porém, podemos inferir do enredo que o romance está ambientado no século XIX ou XX, momento em que coronéis mandavam nas cidades e em seu entorno, em que se comprava a polícia, e que se fazia justiça com as próprias mãos.

Com traços de um regionalismo forte e consistente, o cenário do romance é ambientado na vida sertaneja dos seus habitantes. Percebemos, nesta modalidade da literatura regional, que os escritores buscam construir cenários que se aproximam e resgatam as crenças locais, seus mitos e lendas. Assim, as personagens se confundem com os primeiros habitantes da região, nesta constituição literária. Conforme Pontes (1981):

Literatura é fenômeno de aglomerados urbanos, de convivência, em que se chocam as tradições com as contradições, de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais (PONTES, 1981, p. 21).

Sendo essa uma orientação possível, é notório, na literatura do Tocantins, tanto na prosa quanto na poesia, muitos traços da cor local, dos povos e crenças. *A vida é a margem* não foge a essa concepção, pois na apresentação dos personagens o narrador vai tecendo suas características físicas com muita dureza, aspecto que pode ser entendido como uma tentativa de aproximar o texto à cruel realidade do personagem. Como na apresentação do velho Sá, o narrador assim o descreve “[...] seu Sá um homem sem educação, sessenta e dois anos de idade, de vida, de resistência, já estava derrubando o mato enquanto o fenômeno se desfazia” (LUZ, 2006, p. 21).

Sá, um dos protagonistas do romance, leva uma vida simples de um homem do campo, trabalhador braçal, vive do cultivo da terra, pai de quatro filhos, casado com Antônia, marcada no romance como Tonha. Sá vive sob constante ameaça do coronel que se diz dono da terra onde ele habita com a família. Quando o narrador o chama de sem educação, podemos inferir se tratar de um analfabeto, sem cultura letrada, que como homem do sertão só sabia a arte da experiência das passagens das luas, das estações de plantio e do veraneio.

A vida de Sá é uma constante luta pela sobrevivência, cultiva a terra, vive de seu suor e cria a família em uma casa simples. É casado com Antônia, uma mulher que vive a criar os filhos e a satisfazer o marido. Como toda mulher sertaneja, foi criada para casar e para obedecer ao marido, como bem salienta o narrador ao afirmar que “é costume no sertão a mulher ter duas funções, a de parir e a de servir ao homem” (LUZ, 2006, p. 36). Nesse contexto, Sá é um sertanejo nato e típico autoritário.

Sobre a formação dos personagens em *A vida é a margem*, a grande maioria e, principalmente, os que protagonizam a história, habitam a zona rural, exercendo várias funções desde posseiros, coronéis, pistoleiros e serviçais. Sobre essa constituição dos personagens em uma literatura de formação no Tocantins, Ribeiro (2021) afirma que:

Os perfis mais representados até agora são: o motorista, o garimpeiro o jagunço, a quebradeira de coco a prostituta, o quitandeiro, o fazendeiro, a dona de casa, a bordadeira, o morador de rua, a feiticeira, o tropeiro, a parteira, a carpideira e outros (RIBEIRO, 2021, p. 97).

Em *A vida é a margem*, a temática é o amor não correspondido entre Antônia (Tonha) e o Coronel. De um lado, ela escolheu José Mendonça (Velho Sá) ao Coronel, isto é, trocou um fazendeiro por um posseiro, situação que para o coronel constitui um insulto à sua posição. O coronel mantém uma esperança de vingança em relação a Sá e, assim, o persegue. Ademais, o romance vai criando cenas de embates entre os dois senhores pelo amor de Antônia, que é sempre silenciada no romance.

Com o intuito de apresentar o papel social que cada personagem feminina representa no romance, iremos traçar o perfil de cada uma delas. A obra conta com quatro mulheres a atuar como coadjuvantes, mas que desempenham papéis marcantes no decorrer da narrativa, sendo elas: Antônia (Tonha), Nega, Eleusa e Anita. Nosso objetivo, aqui, é delinear como elas são silenciadas pelo fato de serem mulheres e de viverem em condições extremas, sem acesso à cultura letrada, sendo subalternas aos maridos e patrões e à mercê das atitudes de seus homens. A respeito dessa violência que o corpo feminino sofre, Simone Pereira Schmidt (2008) afirma que:

O corpo feminino subalterno, palco de conflitos onde se desdobram as tensões resultantes das relações desiguais de gênero, raça e classe no Brasil, o corpo colonizado é verdadeiro campo de batalha, em cujos movimentos ainda se enfrentam a casa grande e a senzala, este corpo se encontra representado em textos ficcionais recentes (SCHMIDT, 2008, p. 01).

Pautado nessas afirmativas sobre o corpo feminino e seus desdobramentos, iremos analisar a posição social das mulheres no romance de Josué Luz, começando com uma mulher tradicional, formada para vida simples do campo e para obedecer ao marido e criar filhos.

Antônia (Tonha) é uma mulher sertaneja, do lar, que foi como as mulheres de sua criação, formada para casar e cuidar do marido e dos filhos. Como já dito, ela é o elo entre os embates a conter Coronel e o Velho Sá. Os conflitos envolvem tanto o amor da sertaneja, como as terras onde habitam Tonha, sua família e as demais famílias de posseiros.

Tonha ocupa o primeiro papel social em destaque nesta análise, que é o da mulher formada para o casamento. Em linhas gerais, as mulheres dos séculos XIX e XX viviam sob o jugo do marido e não exerciam nenhuma atividade fora de casa. Essas pessoas não tinham voz na construção social de suas respectivas famílias e eram responsáveis pela educação dos filhos como dos zelos da casa. O comportamento de Sá, por exemplo, era de repulsa à Tonha sempre que ela ia aconselhá-lo sobre a possível morte que poderia ocorrer se não desocupassem as terras, conforme exemplificado no trecho a seguir. Neste momento da narrativa, Tonha está apreensiva com as ameaças dos pistoleiros do coronel, o suposto dono das terras, onde morava com sua família.

Ao lado, o galo alheio a tudo, conduzia com elegância as galinhas ao poleiro. Tonha encostou a vassoura na parede, passou as mãos no vestido empoeirado e falou ao velho entrando em casa.

- Disseram que vão acabar com tudo se a gente não for embora.

- Eu sei, eles vieram com o mesmo lenga-lenga lá na roça, mas as coisas não são por aí.

- Chega, Sá - Tonha alterou a voz - Não podemos viver assim, lutando contra todo mundo, sozinhos.

O velho colocou a mão no ombro da esposa, abraçando a inquietação.

- Acalme-se, Tonha, não precisa chorar, as coisas não são bem assim. Nós vamos amanhã cedo na delegacia. Tudo vai se ajeitar, pode ficar tranquila...

Tonha esfregou os olhos, olhou morosamente. Riu, se desfazendo das falas.

- Vão na cidade fazer o quê? Dá dinheiro pra polícia ou pro governo?

- Da parte ao delegado - respondeu Belizar.

- Meus Deus! Gritou Sá. - Essa mulher tá enlouquecendo, e eu não sabia...

Tonha resmungou, cuspiu uma porção do fumo que mascava.

- Ele quer ver a gente morto.

- Não diga besteira, D. Tonha, a lei é para todos.

Tonha suspendeu a vista e voltou o olhar para o quintal. As crianças ainda brincavam na areia. Baixou o semblante e a voz.

- Compadre, a lei é para todos, mas a justiça não.

- Cale-se! - repreendeu o velho.

- Nós vamos amanhã cedo, pode me esperar.

(LUZ, 2006, p. 24-25).

Nesse trecho, podemos observar que a voz de Tonha é tida em descrédito, nunca tem razão e jamais está certa. Envolvida pelo medo da morte anunciada, não enxerga nenhuma saída para si e sua família a não ser abandonar o lar e se mudar para a cidade de Buriti, onde poderia ter uma vida mais calma, sem ameaças do coronel. Com relação a esse não lugar da mulher nos discursos, Andressa Estrela Lima (2020) faz a seguinte colocação: "o apagamento das mulheres na literatura não é novidade. Quando a mulher fala é lhe dado um status de subalternidade. Por muito tempo, as representações criadas por mulheres receberam um valor menor de escrita" (LIMA, 2020, p. 01-02).

Antônia sempre é intercalada pelo marido, quando ela questiona, é obrigada a se manter neutra e em posição de obedecer ao marido. Nessa outra passagem do romance, ela e seus filhos vão para casa de Belizar fugindo do primeiro embate entre os posseiros e os pistoleiros:

Tonha sentou-se, e chorou por não ser ouvida.

- Termine logo de arrumar a trouxa. Enxugue as lágrimas e acompanhe o Belizar. Ele já tá indo.

-Vamos, dona Tonha! - gritou Belizar

Tonha permanecia dentro de casa. Belizar desistiu, fez frente, seguiu lentamente. O velho voltou ao quarto. Tonha estava com as roupas sobre a cama.

- Mulher, deixa de chororô, pega os meninos e se arranca.

A esposa passou a mão no rosto, enxugou as lágrimas sem reagir. Suspirou fundo e voltou a arrumar a pouca roupa. O velho ficou na porta até a esposa sair. Belizar estava com os meninos na estrada. Tonha aproximou-se com a trouxa sobre a cabeça e antes que sumisse ouviu o grito do velho (LUZ, 2006, p. 35).

Observamos que Tonha, em nenhum momento, esboça qualquer reação contrária ao marido, sempre de cabeça baixa, chorando não tem nenhum poder de voz, de decisão, de contestação. Na cena narrada, obedece ao marido mesmo a contragosto. Embora possamos perceber uma relutância da personagem ao deixar a casa, ela acaba cedendo às ordens do marido. O silenciamento da mulher no romance fica mais evidente quando Tonha é obrigada a deixar Zezinho, seu único filho homem, com o velho Sá para que o menino participasse do primeiro embate. Mesmo com as súplicas da personagem, não consegue ser ouvida e sua vontade não é feita, conforme passagem a seguir:

A mãe abalada, agarrou-se ao filho, sem se preocupar com a trouxa que caía na areia.

O velho apertou o chapéu no peito e falou bruscamente...

- Ande, largue! Ele vai ficar...

Tonha mais uma vez perdeu... Deu-se por vencida. É costume no sertão, a mulher ter duas funções, a de parir e a de servir ao homem. Baixou o corpo, pegou a trouxa e seguiu, chorando. As meninas tentavam acalmá-la e choravam do mesmo modo. Tonha esfregou os olhos avermelhados. Parou um pouco, limpou os olhos e o nariz da menina, agachou-se duma vez e tentou tirar um sorriso das filhas. Sorriram, a mágoa tinha acabado. Belizar, inquieto, pegou Mariazinha, a mais nova, e colocou no seu ombro para prosseguirem (LUZ, 2006, p. 36).

É notório o silenciamento de Tonha em toda narrativa. Ela é uma mulher que cumpre o papel social de seu tempo, sofrendo dores físicas e psicológicas. A personagem não se mostra em nenhum momento da narrativa uma mulher que enfrenta o velho Sá, seu marido, nem quando isso é para proteger seus filhos. Tonha representa a mulher matriarca da sociedade camponesa. Uma mulher que tem uma vida marcada pelos amores do Coronel e do Velho Sá e que acaba cedendo a ter uma vida simples ao lado do marido que acredita ser uma boa escolha. Ressaltamos que isso tenha despertado um sentimento de vingança da parte não correspondida, que culmina em sua trágica morte. Como podemos notar no trecho do romance que registra sua morte:

Belizar fora da cabana, pediu silêncio.

-Olha, é outro estampido - gritou. - Sá, tem tiro vindo do rumo de sua casa.

- Epa! Eu também escutei - falou Zezinho, levantando-se e colocando o prato no chão.

-O que tá acontecendo? - perguntou o velho.

-Olhe, lá no colchete, veja quem tá chegando - apontou um dos ajudantes para a filha do velho

-Pai! - gritou a menina. -Venha logo, pelo amor de Deus...

Corre! Corre! Os homens do coronel tão acabando com tudo.

O velho colocou o facão na bainha, disparou no mesmo trilheiro curvo e comprido, que tanto conhecia, sem se prender aos embaraços de antes, até defrontar-se com as labaredas que engoliam o barraco. De súbito, posicionou no peito, o chapéu que estava na mão. Apertou-o, amassou-o, olhou para todos os lados e voltou a correr.

-Eia! Eia! Eia!

Não era de muitas falas. Não tinha códigos para o que sentia e não se expressava. Os coqueiros apresentavam melhor seus sentimentos do que ele próprio. O velho resmungava para não chorar. Era quase um canto à dor do sertanejo ao encontrar a filha e a mulher mortas.

Entre brasas, destroços do casebre, a filha menor e a mãe, carbonizadas... Misturadas com cinzas, agarradas uma à outra dentro do que restou do quarto

(LUZ, 2006, p. 58).

Essas mulheres que se submetem aos mandos dos maridos e dos patrões são aquelas que a narrativa brasileira construiu e associou à função social de cuidadoras de filhos e do lar, sem nenhuma outra ocupação. Regina Dalcastagné (2005) afiança que

o espaço das mulheres representadas no romance brasileiro contemporâneo é, sobretudo, o espaço doméstico. Nas últimas décadas, registrou-se um avanço - ainda insuficiente, mas indiscutível - na condição feminina. [...] O romance brasileiro, porém, registra mal estas mudanças, continuando a privilegiar a associação entre a figura feminina, o lar e a família (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 39).

Nesse sentido, as personagens femininas do romance em análise são todas voltadas à função de domésticas, empregadas e do lar. Em contrapartida, a obra apresenta a personagem Eleusa, uma prostituta do cabaré da cidade de Buriti, que é obrigada a acompanhar Grinaldo em um casamento forçado e sem amor, ou às mínimas condições de humanidade e de afetividade. A referida mulher sofre, ainda, preconceito racial por ser negra, como no momento em que ela chega à fazenda do Coronel e é apresentada ao seu futuro sogro que lhe desfere palavras de preconceito.

No trecho a seguir vemos o momento em que Eleusa é levada à força por Grinaldo, que pretende apresentá-la ao pai, o Coronel.

- Eu não disse, seu Adolfo... Não vem por bem, vem por mal! Tô roubando uma puta. Apontou a arma, indicando a mulher.

- Eu não vou!

Afastou-se a escolhida.

Grinaldo agarrou a mulher pelos cabelos, jogou-a sobre o cavalo e disparou, conforme pedira o pai, deixando o cabaré. O velho, assombrado, desapareceu

(LUZ, 2006, p. 79).

Nesse excerto percebemos que o papel de Eleusa representa a resistência em obedecer ao ato de “se juntar” a um homem só porque ele a tinha escolhido. Seguindo tal linha de raciocínio, assim como os posseiros resistiam em deixar as terras que coabitavam, ela resistia a deixar o prostíbulo. Na passagem da página anterior, vemos que foi necessário o uso de uma arma de fogo para separá-la das demais e, ainda, levá-la a disparada no animal para que não pulasse do cavalo em movimento, e Grinaldo tivesse tempo de convencê-la ao apresentar suas posses e influências.

O romancista sabiamente introduz essa personagem como estando à margem da margem, um jogo de palavras com a situação social, situação que não a faz deixar a vida do cabaré pela riqueza oferecida por Grinaldo, elencado em passagens marcantes no discurso quando lhe é falado para não ficar nervosa, pois seria, ao se casar com ele, uma mulher rica. Como podemos registrar na passagem “- Não fique nervosa, você vai ser rica. Eu sou filho do coronel” (LUZ, 2006, p. 79).

Ao chegar no destino, é brutalmente ridicularizada pelo coronel quando este diz: “- Mas isso não é bonita! Isso é uma preta [...]” (LUZ, 2006, p. 80). Esse é o ponto que demonstra que a personagem está à margem da categoria humana, não é considerada como gente apta a assumir o posto de esposa. Além do mais, o discurso do coronel usa um marcador sintático referente a coisa, sintagma que distancia as duas classes, quando se refere à moça com o marcador “isso”. A partir dessa análise, podemos depreender que por se tratar de uma negra, não poderia ser bonita, e era uma escrava mercadoria de barganha - coisa.

A descaracterização da figura da mulher preta no romance é tamanha que ao ser reduzida a “coisa” ela perde o status de sujeito, e passa a ser objetificação. Sobre essa pouca protagonização dos personagens pretos, ainda mais quando são femininas, Regina Dalcastagné (2005) assevera que

a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca. Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances, não há nenhuma personagem não-branca importante. [...] Além de reduzida, a presença negra e mestiça entre as personagens é, tal como acontece com as mulheres, menor ainda quando são focados os protagonistas e, em especial, os narradores (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 45).

Como não é protagonista, mas objetificada, o lugar de fala dessa personagem desmoraliza o poder do coronel, rebate os insultos proferidos por ele, o filho e seus jagunços que tentam admoestar, exigindo respeito para com a “autoridade” para eles. Enquanto para Eleusa Grinaldo não passava de um sujeito presunçoso e arrogante que tentava impor sua vontade para com ela. Eleusa representa, assim, uma pessoa que não temia castigos, e não aceitava ser vilmente violentada, isto é, mesmo com atos de violência em forma de palavras ou de agressão física, a personagem não se deixava dominar.

A margem social proferida pela nossa interpretação se deve às mulheres dos séculos XIX e XX, em algumas famílias, acharem na prostituição o meio de sobrevivência. A venda do corpo,

muitas vezes, era o trabalho que levava sustento para casa, isto é, o uso do corpo acabava sendo o meio de sobrevivência para essas mulheres que se encontravam sem guarida.

Encontramos na pessoa de Eleusa uma condição, possivelmente, oposta a qualquer situação anteriormente apresentada. Isso porque a personagem sabe que pode deixar a vida de prostituta e ganhar um lar, um companheiro, e o mais importante, uma boa condição financeira para se manter longe da vida de “humilhação”. Porém, a personagem não aceita. Ela desiste de herdar o latifúndio do coronel e do status de dama da sociedade, para voltar ao puteiro. Além do mais, enfrenta terreno desconhecido resistindo e agredindo a quem porventura tentasse impedir seu regresso.

Destarte, a personagem enriquece a narrativa no sentido de manter a resistência aos desejos de Grinaldo em fazê-la esposa, mesmo sob várias ameaças. Ressaltamos que Grinaldo queria desposá-la para acatar uma ordem de seu pai, o coronel, e para que os jagunços não o vissem como homossexual, ou conforme marcação do romance, “veado”.

Desse modo, a resistência de Eleusa se assemelha com a construção do pensamento dos posseiros, uma vez que eles resistem a sair das terras das quais se apropriaram e abriram a cultura plantando e colhendo produtos para a subsistência do grupo, mesmo sob ameaças de morte e depredação de tudo o que plantaram. Nessa perspectiva, o romance aventa na personagem Eleusa a mesma força e determinação apresentada em todo enredo pelos posseiros quando a rapariga diz: “- Num vou não! Filho duma quenga, tu tá gelado porque sabe que vai apanhar. Meu filho, do jeito que subir vai descer” (LUZ, 2006, p. 81).

Podemos constatar que a personagem não temia o pior lhe acontecer ao romper com o estereótipo da fragilidade feminina. Isto é, a mulher, muitas vezes, é representada como frágil, não possuindo a mesma força do homem. Eleusa, porém, quebra este paradigma, ao se colocar como resistente a uma vida imposta por Grinaldo.

Na sequência, o coronel, ao ver a desenvoltura da prostituta, passa a considerar como mulher e profere: “- Grinaldo, você trouxe a mulher, muito bem. Agora desce e dê uma taca pra ela respeitar homem. Depois traga pra dentro e dê comida” (LUZ, 2006, p. 80). Neste excerto, vemos como o personagem alia à masculinidade a necessidade do uso da força e da violência.

Outra personagem que elegemos para tecer sobre é Anita, filha do velho Sá e Tonha. Uma adolescente, apresentada no início do romance como uma pessoa que ajudava a mãe nas tarefas domésticas, mas que ainda brincava e também já apresentava certo ar de independência – o de não ser totalmente ingênua ao que se passava em casa.

Anita observava a vida de seus pais e algumas passagens expressam sua discordância em relação ao comportamento do casal. Por exemplo, quando Tonha é obrigada a deixar o lar para salvar a si e as crianças. Ao retornarem, Anita mostra indiferença ao pai: “Anita aproximou-se do pai, com desprezo. Projetou-lhe um fraco olhar e foi lavar as louças sujas que estavam sobre o jirau” (LUZ, 2006, p. 45). Essa passagem define que a adolescente tinha o mesmo pensamento da mãe, o de deixar a contenda pelas terras e irem juntos para outro lugar.

Anita, muito precoce e tragicamente, perde a mãe - seu espelho de conduta - e a irmã mais

nova num incêndio criminoso em resposta à desobediência do pai ao deixar o lugar. Também nesse episódio, a personagem sente que precisa amparar o irmão mais novo, conforme o trecho: “Anita cruzou a vista com o olhar perdido do irmão, correu aos prantos até ele” (LUZ, 2006, p. 59). Depois desse acontecimento, a personagem é obrigada a ir morar com uma tia.

Esse infortúnio levaria ao desfecho do que aconteceria. Porém, Anita via no pai a única esperança de um dia voltarem a viver em família, pois não estava feliz em morar na casa de parentes, tampouco em ver o pai sendo ameaçado ou fugindo, como nos aponta a passagem:

O velho Sá foi surpreendido, o revólver reluziu ao sol do meio-dia. Anita desesperada agarrou-se ao pai, tentando protegê-lo. O posseiro desgrudou-se da filha e empurrou-a. (...) Anita chorava agarrada ao corpo franzino do pai. A mão, calejada, deslizava com dificuldade sobre os cabelos lisos da menina.
- Me tira daqui. - disse Anita” (LUZ, 2006, p. 74).

Este excerto do romance confirma que a menina amava o pai e se sentia forte para protegê-lo. Constatamos também, em especial, pela fala da personagem na frente de tantos adversários, que ela ainda tinha um pensamento ingênuo típico das crianças. Também podemos inferir que a moça já se sentia desamparada naquele lugar ao pedir para o pai tirá-la dali.

Na sequência, o Pedrão, marido da Tia de Anita, vê uma oportunidade de ganhar dinheiro com a menina e vai oferecê-la ao algoz do pai:

No dia seguinte, Pedrão amanheceu na casa do coronel. Foi a primeira pessoa a conversar com ele.
- Eu tenho uma coisinha que vai deixar o senhor alegre _falou baixo quase no ouvido.
O coronel parou de balançar a cadeira, temperou a goela e escarrou. O cuspe voou sobre a areia.
- O senhor tá com fôlego bom hein, coronel...
- Então fale, deixe de rodeio.
- Anita!
-Que diabo tá dizendo?
-Anita é filha do velho Sá, já deve ter uns treze ou quatorze anos, num tem mãe e tá lá em casa, tamo cuidando dela. Então pensei que o coronel bem poderia se interessar por aquela moça. Ela vai lhe dar muita alegria. É só o senhor dá uma ajuda e pronto, é sua [...] (LUZ, 2006, p. 90).

Vemos que o fato da moça não ter a mãe também resultava em não ter proteção. Por isso, foi negociada como mercadoria pela pessoa que seria responsável por ela. A princípio, o coronel não se mostra entusiasmado, mas a situação muda ao saber que a menina era filha da mulher que o recusou por outro. Assim sendo, a vontade de vingança do coronel se renova, projetando em Anita o calvário da mãe, que mesmo morta poderia ver que ele a teria na filha. “- Se não pude ter a mãe, agora posso ter a filha. Fiz um negócio bom, isso que importa” (LUZ, 2006, p. 91).

Uma moça humilde, ingênua, órfã e desamparada, o coronel a força sexualmente e ainda desdenha da mãe morta para a filha, quando profere: “- Eu transei, trepei, comi tua mãe! Ela não me deu tanto trabalho [...]” (LUZ, 2006, p. 96). A moça acaba sendo vencida e dessa relação tem

um filho, que faz com que ela amadureça precocemente.

Anita nunca aceitou o velho como companheiro e fugiu com o filho na primeira chance que teve. A menina foi encontrar com o pai que saíra da cadeia, com a esperança que ele a salvasse do predador, se juntando à resistência que o Velho Sá encabeçava na defesa das terras.

Essa fuga dá um desfecho semelhante ao filme “Abril Despedaçado” (2002) de Walter Sales que coloca um menino na frente da resolução de uma contenda por terras. Anita, ainda adolescente, é o elo que finaliza o confronto. Quando a personagem encontra com o pai, ambos são surpreendidos com a revolta do coronel que, sem saber que a mulher e o filho estão lá dentro, dispara vários tiros na casa em que se encontra o velho Sá.

Anita saiu se queimando. A Nega correu, ajudou a conter o fogo. O coronel voltou-se na direção de sua mulher, desesperado.

-O meu filho, onde tá?

-Tá lá dentro coronel. Na rede do quarto.

O coronel entrou nas chamas. Nega tentou impedi-lo, sem sucesso, acompanhou-o até a porta do casebre [...] (LUZ, 2006, p. 101).

Esse desfecho encerrando a contenda desencadeia na morte do coronel e do velho Sá. Ambos tentaram proteger a criança de Anita; aspecto que, de certa forma, une os personagens no momento da morte. Isso resulta na nulidade da briga entre os personagens.

A quarta e última personagem que vamos analisar é uma funcionária da fazenda do coronel, que não tem um nome próprio na narrativa, mas é reconhecida como Nega, assim o narrador a apresenta:

Nega a serviçal, tinha sessenta e três anos. Assegurava a vida e a sorte do coronel. Sempre de branco, lenço na cabeça cobrindo os cabelos brancos, vaidosa, misteriosa e de pouca fala. Tinha acendido o fogo, esquentado a comida. Sóbria, firme, encarava a vida de forma serena, sem grandes exigências, sem grandes buscas, sem grandes perdas, sem grandes encontros, requisitos que faziam dela uma pessoa apropriada para servir. Para fazer o que tem que ser feito (LUZ, 2006, p. 53).

Apresentada como uma pessoa firme e sóbria e, ao mesmo tempo, misteriosa ela é requisitada todas as vezes que algo precisa ser previsto ou resolvido. Nega não é somente uma empregada na fazenda do coronel, ela representa o místico no romance. Suas vestes brancas se assemelham com as mães de santos de terreiros de umbanda e candomblé, sempre misteriosa sabe a ciência da cura, da premonição e das soluções possíveis.

Nega desponta entre as demais mulheres na narrativa, porque além do pesado trabalho doméstico que faz na fazenda do coronel, ela também é a curandeira da região. Ela é a quem reza e fecha os corpos dos pistoleiros do coronel, além de praticar rituais de cura quando algum pistoleiro está doente ou ferido. Podemos conferir um desses rituais nesse trecho transcrito:

Nega suada, ergueu as duas mãos, esfregando uma na outra até esquentá-las, baixou as mãos apalpando rapidamente todo o pistoleiro. Levantou-se e repetiu o mesmo movimento sete vezes, sucessivamente. Depois bateu palmas, cantou, pulou, gritou em volta do corpo. Abaixou-se e pegou o corpo com vigor, entrou na chuva correndo. O homem estava sem vida, jogou-o num rego de água, formado pela grande enxurrada, deixando as velas acesas na área, saiu enxuta correndo na tempestade. Ninguém falava nada. Quem se atrevia? [...] Nega pulou, soltou mais fumaça, os jagunços recuavam encostado na parede. Aos poucos, o corpo do pistoleiro se erguia. As trovoadas, os relâmpagos pararam num repente, a chuva não. O pistoleiro levantou-se por completo, olhou para cima, passou as mãos no rosto cheio de lama, pegou água e bebeu (LUZ, 2006, p. 53-54).

Nesse trecho, Nega está fazendo um ritual de cura a um pistoleiro que se feriu e estava quase morto, ou propriamente dito, estava morto. A personagem conhece as forças ancestrais da tradição dos povos antigos e/ou outras condições místicas para realizar esses rituais. Dona de uma sabedoria popular e muito folclórica, recupera a vida do pistoleiro e também passa uma noite com ele, o que desperta um certo ciúme no coronel.

Na narrativa, Nega representa a mãe-preta de que fala Gilberto Freyre (1998) em *Casa grande & senzala*, simboliza a que cuida, a que faz os partos, que proporciona saúde aos pistoleiros e jagunços, a que faz rituais fúnebres e que sempre sabe de tudo o que ocorre na narrativa.

Notamos que nenhuma das personagens mulheres e brancas recebem esses dons divinos que são atribuídos a Nega, talvez seja porque as mulheres negras na narrativa brasileira nunca assumem um papel de esposa, mãe e de senhora do destino. Sobre essa pouca presença de homens e mulheres negras Dalcastagné (2005) afirma que:

A pequena presença de negros e negras entre as personagens sugere uma ausência temática na narrativa brasileira contemporânea, que o contato com as obras, dentro e fora do corpus, contos e romances, confirma: o racismo. Trata-se dos traços dominantes da estrutura social brasileira, que perpetua e se atualiza desde a Colônia, mas que passa ao largo da literatura recente (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 46).

Dessa forma, Nega se encaixa neste estereótipo comumente visto da mulher negra em narrativas como a serviçal, aquela que possui algum tipo de magia ou poderes extras, e também aquela com desejos desenfreados. Sobre a mulher negra, Eduardo de Assis Duarte (2013) pontua que:

E, entretanto, um protagonismo marcado, em muitos casos, pela permanência, na ante cena textual, do mesmo projeto de desumanização que subjaz à estereotipia. Ele se manifesta em construções que ressaltam, por exemplo, a sensualidade e a disponibilidade para o sexo sem compromisso ou consequências, novamente de acordo com imagens sociais determinadas *a priori*, como a da “mulata assanhada” entre outras. Enquanto forma de aprisionamento social e cultural, o estereótipo petrifica as identidades em figurações de face única, ralas e carregadas de univocidade (DUARTE, 2013,

p. 147).

Como mulher preta, Nega carrega consigo o estereótipo de sabedoria popular, de saber as magias dentre outras coisas. Ela fica petrificada nessa figurativização dentro de uma personagem que não carrega um protagonismo progressivo, mas que se sujeita ao sexo sem compromisso e com desejos desenfreados. Observamos esse aspecto sexual na cena em que ela dorme com o pistoleiro reanimado.

Gilberto Freyre (1998) nos apresenta uma negra que sempre esteve no trabalho, nos mandos da casa grande e sempre atuou como uma mulher serviçal e escrava ou como ama de leite. Assim, ele descreve a mulher preta:

[...] Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bichos e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho - de - pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama - de - vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (FREYRE, 1998, p. 283).

Nessa perspectiva, a mulher preta é sempre uma objetificação dos mandos dos brancos, sempre protagoniza cenas em que são exploradas, seja na vida dura do trabalho, seja nos saberes populares, crenças e mitos, como também com os abusos sexuais, como é o caso de Nega e de Eleusa, duas mulheres pretas que aparecem na narrativa e que são colocadas à margem da sociedade. No caso de Eleusa, aparece como uma prostituta preta e que vive em condições de um sexo desenfreado e sem compromisso no cabaré onde reside.

Embora Nega seja tratada como uma mãe por todos, a ela é reservado o lugar do místico, mas também, de serviçal e de mulher sem importância. Assim como as demais, não consegue ser ouvida pelas pessoas, a não ser quando é chamada para realizar um ritual.

Observamos que o negro na literatura brasileira é colocado à margem dos acontecimentos, das protagonizações e sempre é estereotipado, sempre carregando uma marca de sujo, de feio, de menos valia. Tem sua humanidade roubada, seja individual ou comunitária. Com isso, Duarte (2013) assevera que:

O sequestro do negro enquanto individualidade pensante, guardiã de uma memória tanto individual quanto familiar ou comunitária; o sequestro do negro enquanto voz narrativa, expressa na primeira pessoa do singular, com as prerrogativas inerentes ao desnudamento da subjetividade em todos os seus aspectos; e o sequestro, por fim, da própria humanidade inerente à maioria dos brasileiros ao retratá-los sob a moldura estreita ditada pelo estereótipo e pelos metarrelatos da cordialidade e da democracia racial (DUARTE, 2013, p. 148).

Sendo assim, concluindo nossas análises sobre o papel social das personagens femininas na obra *A vida é a margem*, salientamos que todas as mulheres apresentam características de subalternidade e que há um silenciamento da voz feminina. Tanto no comportamento como na forma como as personagens são tratadas, fica evidente como narrativas de autoria masculina ainda dei-

xam soar forte o papel doméstico que a mulher exerce. Embora esse aspecto esteja mudando nas diegeses, ainda é forte a voz masculina imperar sobre a feminina na literatura regional. Talvez, seja porque essas narrativas trazem o que de fato acontece à margem da sociedade brasileira, que é a mulher explorada, subalterna e silenciada pela voz do marido, dos patrões e pelos padrões sociais vigentes.

Considerações Finais

Concluimos que a obra *A vida é a margem*, ao abordar os problemas do sertão, contempla um rol completo à face, principalmente, do papel da mulher das obras literárias produzidas no Tocantins. A narrativa envolve aspectos como a linguagem da população, os costumes sociais e, principalmente, o lugar de fala do oprimido, excluído, explorado, do poderoso, e a representação social da mulher simples e sem cultura letrada do norte do país.

Dessa forma, o romance que nasceu de outras formas literárias “trouxe para os livros a vida doméstica cotidiana, amores e problemas com os quais os leitores podiam se identificar” (LAJOLLO, 2004, p. 30). Sendo assim, a vida no campo, as complicações amorosas, os desfechos trágicos, e os costumes e crenças da região, presentes no livro, nos oferecem um leque de possibilidades para poder jogar com a estética da escrita de forma apreciativa e argumentativa.

Nessa perspectiva, analisamos a obra como uma representação verossímil ao que acontecia na região norte do país, na área compreendida antigo norte goiano, no bico do papagaio, nos séculos XIX e XX, região onde as terras não eram de fato delimitadas e registradas a uma pessoa, mas considerada como um latifúndio de quem tinha poder financeiro e político para se apropriar dessas áreas (RIBEIRO, 2008).

Sobretudo, o que encontramos na narrativa de Josué Luz, a impossibilidade do homem simples do campo, sem posses, conseguir um terreno para tirar de lá somente o essencial para sua subsistência, sem ser importunado, perseguido pelos poderosos, com o aval das autoridades. Além disso, ressaltamos como as vozes das personagens femininas, na obra analisada, são silenciadas e oprimidas pelo homem – tanto o poderoso quanto o do campo.

Portanto, a obra *A vida é a margem* caracteriza muito bem a perseguição sofrida pelos posseiros, como também o social dos pequenos vilarejos de séculos anteriores. Representa a condição feminina, num cenário machista, e de personagens femininas sem instrução intelectual que se tornam alvos fáceis para exploração.

Referências

ABRIL despedaçado. Direção: Walter Salles. Produção: Arthur Cohn - Lumiere; **Vídeo Filmes**. BR, FR, CH, 2001.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribe-

ro; ver. de trad. Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3ª.ed. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre o Azul. Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Vários escritos. Duas Cidades. São Paulo, 2004

DALCASTAGNÉ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de literatura contemporânea. n° 26. Brasília, julho-dezembro de 2005. p. 13-71.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Revista Navegações**. V. 6, n° 2, p. 146-153, julho-dezembro, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LIMA, Andressa Estrela. Mulheres como sujeitos: nem tudo é silêncio. **Revista Água viva**. V. 05, n° 3. set. - dez., 2020.

LUZ, Josué. **A vida é a margem**. Goiânia: Kelps, 2006. 100p.

MAGALHAES, Domingos José G. Discurso sobre a história da literatura do Brasil. In: COUTINHO, A. (Org). **Caminhos do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Palhas. Mec. 1980 [1836].

PONTES, José Couto Vieira. **História da Literatura Sul-Mato-Grossense**. São Paulo: editora do Autor, 1981.

RIBEIRO. José Manoel Sanches da Cruz. O processo de formação da literatura no Tocantins. **Revista Querubim** - Revista Eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. Ano 17 - Coletânea - março - 2021.

RIBEIRO. José Manoel Sanches da Cruz. **Serra dos Pilões-Jaguinhos e Tropeiros e Mandinga: uma literatura de formação no Tocantins**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

SCHMIDT, Simone Pereira. **De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil**. Estudos de literatura contemporânea, n° 32. Brasília, julho-dezembro de 2008, p. 21-30.

STUART, Hall. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

CAPÍTULO II

ESTOU NA RUA, MAS SOU UM CIDADÃO: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA OBRA *JANELAS POÉTICAS* (2005), DE JOSÉ DOS REIS

Tamires Iwanczuk de Oliveira¹

Introdução

O presente texto contempla análise dos poemas “Estou abandonado” e “Vivência”, ambos integrantes do livro *Janelas Poéticas* (2005), do escritor colinense José dos Reis Vieira. Os poemas em questão destacam a cidade de Colinas do Tocantins, bem como a perspectiva de valorização da literatura produzida no Tocantins.

O tema abordado na obra “Estou na rua, mas sou um cidadão: Uma análise sociológica da obra *Janelas Poéticas*, de José dos Reis Vieira (2005)” tem o objetivo de impulsionar os leitores a adquirirem uma reflexão sobre a igualdade social entre as condições de ter ou não um espaço específico de moradia. Busca também a tomada de reflexões sobre o preconceito no modo em que as pessoas se encontram a respeito do estado de higiene e de suas vestimentas.

Neste sentido, podemos identificar por meio desta análise o quanto os moradores de rua são vistos como criminosos ou pessoas que são usuários de drogas, adquirindo a titularidade específica de “vagabundos”, sem perspectivas de vida, além de não serem considerados dentro dos “padrões” impostos pela sociedade.

Os poemas selecionados do livro *Janelas Poéticas*, do autor José dos Reis Vieira, são apresentados em primeira pessoa. Percebe-se que o autor busca se colocar no lugar dessas pessoas que são excluídas da sociedade, tentando expressar por meio de seus poemas uma voz que ecoa, dentro de muita gente ao se deparar com pessoas que estão em situação de vulnerabilidade.

Um breve percurso social sobre os estudos literários

De modo geral, as classes sociais consideradas baixas, antes do século XIX, eram representadas, nos textos literários, como personagens secundários, sendo eles servos, ou subalternos (AURBARCH, 2004). Na maioria das vezes, eram pouco mencionados, e quando apareciam, eram tratados como se fossem inferiores. Nesse sentido, essas pessoas não poderiam fazer parte de uma narrativa chamada “séria”, havendo uma mudança no século XIX, em que esses personagens começavam a ser citados e reconhecidos pelos autores.

¹ E-mail: myrskyliveira@gmail.com

Segundo Erich Auerbach (2004), é injusto excluir as chamadas classes mais baixas da população, o povo, do tratamento literário sério, pois não se “[...] deve admitir que não há mais nenhuma forma de desgraça que seja demasiado baixa para ser representada literariamente” (AUERBACH, 2004, p. 445).

Na mesma perspectiva de modernização, o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) demonstra uma modernidade sólida que desaparece, dando lugar a uma modernidade líquida, sendo que nela as relações não se constituem, tornando-se instáveis (os líquidos se diferem dos sólidos) por não manter sua forma com facilidade e assim acabam-se movendo.

Os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas (BAUMAN, 2001, p. 8).

Como as relações se caracterizam sem consistência, é possível observar que alguns indivíduos possuem dificuldades em lidar com estranhos. Bauman (2001) expressa que os encontros são inevitáveis quando falamos de espaços lotados, ocorrendo uma espécie de ser amedrontado pelo outro. Por esse motivo, as pessoas vivem cada vez mais sozinhas, e com isso notamos o aumento de diversos lugares “protegidos”, com telas, guardas, cercas elétricas, para proteger-se do outro em condomínios fechados ou praças privativas.

O templo do consumo bem supervisionado, apropriadamente vigiado e guardado é uma ilha de ordem, livre de mendigos, desocupados, assaltantes e traficantes – pelo menos é o que se espera e supõe. As pessoas não vão para esses templos para conversar ou socializar. Levam com elas qualquer companhia de que queiram gozar (ou tolerem), como caracóis levam suas casas (BAUMAN, 2001, p. 114).

Por meio dessas mudanças, os medos nas regiões urbanas passam a aumentar, mas para Balman (2001) jamais faltaram pessoas para que encontrassem uma lógica em relação às questões de infelicidade, frustrações e derrotas; entretanto, o que é novo são os assaltantes (juntamente com “outros vagabundos”) que agora levam a culpa, “representando o diabo, os íncubos, maus espíritos, duendes, mau-olhado, gnomos malvados, bruxas ou comunistas embaixo da cama” (BAUMAN, 2001, p. 109).

Segundo o antropólogo Claude Lévi-Strauss, citado por Bauman, as questões sociais estão relacionadas a duas estratégias chamadas de antropeômica e antropofágica.

A primeira estratégia consiste em “vomitar”, cuspir os outros vistos como incuravelmente estranhos e alheios: impedir o contato físico, o diálogo, a interação social [...] A segunda estratégia consiste numa soi-disant “desalienação” das substâncias alheias: “ingerir”, “devorar”, corpos e espíritos estranhos de modo a fazê-los pelo metabolismo, idênticos aos corpos que os ingerem, e, portanto, não distinguíveis deles (BAUMAN, 2001, p. 118).

Diante dessas duas estratégias, observamos que os sujeitos estão no espaço social, mas nem

sempre são reconhecidos como integrantes dele. Isso denota, por exemplo, as possibilidades de isolamento ou de silenciamento.

Conceituação, caracterização e discussão da literatura tocantinense

O estado de Tocantins, criado em 1988, resultou de terras antes pertencentes ao Estado de Goiás. Nesse mesmo sentido, as manifestações literárias tocantinenses surgiram antes dessa data, pois a menção ao escritor Hamilton Pereira da Silva, um presidiário da cidade de Porto Nacional, iniciou sua trajetória literária em 1972 e sua publicação ocorreu em 1979 na forma de poemas com o título "Poemas do Povo da Noite".

Na mesma época, foi publicado a obra *Madrigais*, do escritor Alexandre Gomes Brito. Após essa iniciativa, surgiram diversos autores que se dedicam a escrever poemas e contos como forma de valorização da paisagem e árvores do cerrado, com destaque para os Ipês e, também, árvores frutíferas, como os pequiizeiros e buritizeiros.

A referência aos animais nativos, por exemplo, o quati, onças e outros, e as comidas típicas, aquelas trazidas de outras regiões com seus mais variados aromas, o chamberil, o cuscuz, a tapioca, o feijão tropeiro, estão presentes nessas obras, além dos caudalosos rios Araguaia e Tocantins.

Nas atividades pedagógicas das escolas, as atividades de leitura ganharam ampliação com a ação denominada dia "D" da leitura. Essa ação corresponde à realização de atividades voltadas ao fortalecimento e incentivo à leitura dos alunos das escolas estaduais e à valorização da literatura tocantinense.

O então dia "D" da leitura foi instituído pela Secretaria de Estado da Educação do Tocantins, com a premissa de abordagens temáticas centradas na valorização da cultura dos "povos indígenas do Tocantins", da "cultura afro-brasileira e africana e da "literatura tocantinense". Essas três temáticas são importantes porque consolidam a ação da educação tocantinense como forma de valorização da expressão regional de seu povo.

Na contextualização da escolha de 5 autores da Literatura Tocantinense como base constitutivo deste trabalho, a seguir descritas, a incursão sobre a biografia e algumas obras do escritor José Liberato Póvoa, nascido em 12 de abril de 1944, na cidade de Dianópolis, são necessárias.

Jose Liberato foi Juiz e desembargador no Tribunal de Justiça, também por um breve espaço de tempo se tornou Governador do Estado, atuou como professor de Direito na Fundação Universidade de Tocantins, além de ter feito parte, como cofundador, da Academia Tocantinense de Letras. Nas obras publicadas por Póvoa, destacam-se: *Rua do Grito*; *Pássaro de Asa Quebrada*; *Causos que o Tocantinense Conta*; *De Zé Guela a Pé-de-Janta - Os causos que o Duro conta*; *O Senhor do tempo*, *João de Deus*, *o Fenômeno de Abadiânia*, *Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins*, *Mandinga*, *Besta-fera* e outros contos.

Uma segunda escritora tocantinense que mencionamos neste trabalho diz respeito à consagrada representante da literatura tocantinense Isabel Dias Neves (Belinha). Em sua carreira foi professora, contista e pesquisadora. Nascida em Tocantinópolis, formou-se em Pedagogia, pela

Universidade Católica de Goiás e foi professora do curso de Educação nessa mesma universidade.

A produção literária de Belinha tem como destaque as seguintes obras: Fardo Florido; Rasas Raízes; Cinzas Acesas; Laços inversos; Pedras e Flores; Recanto em outro tom. A obra Fardo Florido foi premiada no concurso nacional Cecília Meireles, promovido pela UBE - União Brasileira de Escritores, Seção do Rio de Janeiro - RJ. Sua expressividade na literatura possibilitou o exercício da presidência da Academia Tocantinense de Letras (ATL), no período de 2004/2006.

Outro escritor que mencionamos neste trabalho chama-se Juarez Moreira Filho, cuja carreira profissional congregou atuações como advogado, educador, romancista e memorialista. Natural de Ribeiro Gonçalves, sudoeste do Estado do Piauí. Na área acadêmica, formou-se em Direito, em 1978, pela Universidade Católica de Goiás. No ano de 1995, fez pós-graduação em Ciências Políticas pela (ULBRA) Universidade Luterana do Brasil, na cidade de Palmas - TO. É, também, um dos fundadores da Academia Tocantinense de Letras.

A produção literária de Juarez Moreira destaca-se com base nas seguintes obras: A Infância e Travessuras de um Sertanejo; Oco do Mundo; Rancho Alegre; Mangaratiba (Peões, Boiadas, Tropas & Bruacas); Risos & Lágrimas.

O escritor Fidêncio Bogo é, também, um dos principais destaques da literatura tocantinense, tendo exercido importantes funções, como filósofo, educador, filólogo, contista e poeta. Natural da cidade de Rio do Sul, Alto Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina. No ano de 1976, mudou-se para a cidade de Natividade, antes pertencente ao Estado de Goiás. Aproximando-se da capital Palmas, fixou residência na cidade de Porto Nacional, em 1985. Sua carreira profissional possibilitou o exercício do magistério na Faculdade de Filosofia do Norte Goiano (Fafing) e fez parte da comissão de implantação da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

A produção literária de Bogo teve destaque nas seguintes obras: Aprendizagem; Poesia Um; O Quati e outros contos; Coluna Presta; Minha Escola, Escola de Vida; Noções de Teoria da Literatura.

Um dos grandes destaques das obras de Fidêncio Bogo diz respeito ao percurso que ele apresenta sobre as cidades, pessoas e lugares. Suas obras abordam aspectos sobre uma região em que o autor reflete questões sobre a sociedade, o sentimento de desamparo, as desigualdades e a constante busca por melhores condições de vida.

Há cidades no Tocantins que ainda não têm a dimensão de uma metrópole, sendo cidades pequenas, que observam cada detalhe possível e visível. Porém, segundo Bauman, as casas e estabelecimentos nos apresentam uma ideia de que tudo está extremamente protegido e nessas pequenas cidades podemos observar diversas casas cercadas por muros e grades.

Podemos identificar, ainda, os conceitos relatados por Lévi-Strauss, segundo ele, estratégias visíveis de um dado grupo de pessoas que manifestam reações desprezíveis pelos outros por terem característica que fogem do padrão social, direcionam à estratégia antropológica, tratando o outro como insignificante, um ser desconhecido, tendo certa indiferença.

Análise crítica de um texto da literatura tocantinense

Os autores mencionados no tópico anterior indicam a força representativa da literatura tocantinense. Nesse sentido, este novo tópico contempla indicadores do estudo de uma das obras produzidas pelo escritor José Vieira dos Reis.

Natural de Goiás, o escritor José Vieira mudou-se para a cidade de Colinas-TO, quando ainda era criança. Sua carreira estudantil permitiu a formação em Pedagogia, e, em 1996, iniciou o exercício do magistério. Na cidade de Colinas, exerceu a docência nas seguintes unidades educacionais: Escola Estadual Francisco Pereira Felício; Escola Estadual Maria José de Oliveira; Instituto Educacional Gunnar Vingren. Atualmente, é docente na Escola Estadual Lacerdino Oliveira Campos.

O escritor possui diversas obras publicadas: “O amor e a vida” (2003); “Janelas poéticas” (2005); “Pra não dizer que não falei de amor” (2006); “Desabafo de um jovem louco” (2007); “Itinerância” (2012) e, no ano de 2017, houve a publicação de “Um outro Eu”.

O percurso poético de José Vieira revela a percepção de um eu lírico chamando a atenção da sociedade para a situação de um morador de rua que não obtém nenhuma atenção dos cidadãos que por ele passam diariamente. Isso faz com que ele não seja ouvido, principalmente, em relação às suas dores sociais.

O autor nos mostra a percepção sobre os fatores relacionados à fome que assola a vida diária de muitas pessoas em situação de extrema pobreza, pois elas não têm condições de ter o que comer. Isso faz com que esses cidadãos busquem alimentos nas lixeiras localizadas nas esquinas das ruas. Outras situações abordadas em seu enredo dizem respeito ao ato de pedir esmolas.

Na estrofe abaixo, a referência ao estado de fome é observada como algo que não se supera frente aos demais problemas. Isso denota que as outras situações podem ser resolvidas com facilidade, mas a situação da fome permanece em diferentes momentos.

Seu moço, eu quero falar
De tudo que eu já passei
Eu quero encontrar
tudo o que eu não encontrei
Já passei fome
briguei para viver
Lutei pela sobrevivência
Fui derrotado pela violência (REIS, 2005, p. 8).

As reflexões sociais a respeito das pessoas que estão nas ruas indicam que elas não perdem sua vontade de viver, pois elas lutam em prol da sobrevivência, apesar de estarem ocupando um espaço na calçada, deitada em pedaços de papelão ou um pano que alguém jogou fora. Nas noites de frio, o pano serve para agasalhar o estado desconfortante do tempo.

A constante busca para reverter o estereótipo de cidadão largado ao relento indica a busca por uma palavra amiga, bem como pelo direito de equidade, levando a contextualização de cidadãos que também merecem um abraço ou simples gesto de cordialidade.

Ah! Seu moço!
Ah! Pobre moço!
Eu não sei nada de mim
Muito pobre, também sou,
Mas na vida de utopia,
Sou um eterno sonhador,
pois em todos os meus sonhos,
ainda me vejo pregando o amor (REIS, 2005, p. 8).

O poema de Reis (2005) apresenta, também, indagações quanto às histórias das pessoas, já que todos temos uma. São narrativas que se aproximam do cotidiano desafiador de pessoas que lutam contra situações adversas em suas múltiplas formas. Além disso, apresenta indagações que provocam reflexões sobre quem vive seus sonhos de futuro e de boas expectativas, pois como diz o eu lírico “ainda me vejo pregando o amor” (REIS, 2005, p. 8). Nisso, as questões a respeito da sobrevivência emergem como situações que parecem sem controle ou fora das possibilidades de solução.

Seu moço, por favor me ouça!
E diga se a sua história,
é diferente da minha
ou se não existem glórias?
Onde está seu pensamento?
Moço, moço, pobre moço,
Também não tem memória? (REIS, 2005, p. 9).

O eu lírico apresenta situações de desabafo e de desânimo, porém revela forças para vencer as dificuldades de quem não tem o básico para a sobrevivência. Em seu silêncio social, o sujeito transita pelo lugar de alguém distante de sua própria memória, ou seja, da pouca relevância de sua história.

O sujeito social, na estrofe a seguir, revela condições de alguém atravessado pelos efeitos da ausência de forças para seus sonhos e objetivos. No entanto, essa ausência faz com que a crença se mostre necessária à esperança de conquistas reais.

Seu moço, eu estou cansado,
Mas não posso desistir.
Sonho que o mundo tem jeito,
mas existo só por existir.
Ninguém olha para mim,
Com bons olhos, não senhor.
Só quem tem pena de mim,
É Deus, “Nosso Senhor”! (REIS, 2005, p. 9).

A força que emerge do eu lírico possibilita a crença em seguir a vida mesmo que as situações sejam adversas, bem como, em não fazer as coisas só por fazer, mas para que elas produzam

sentido para si e para os outros. Afinal, esse movimento social faz com que se alcance melhores condições sociais.

A subjetividade apresentada pelo autor faz com que nos deparemos com uma suposta igualdade, a qual deveria dar-se em razão de lutarmos em prol dos mesmos objetivos e das mesmas possibilidades de sonhos e realizações. No entanto, as transformações egocêntricas dos sujeitos acabam prejudicando a si e aos outros.

Seu moço, ah! Seu moço!
 Não sou diferente de você,
 Procuo apenas uma resposta,
 Para o meu mundo crescer.
 Seu moço, sou tão alienado,
 assim, como você é,
 mas sou sempre inconformado,
 com a nossa falta de fé (REIS, 2005, p. 25).

A expressividade poética de Reis (2005), no poema intitulado “Estou abandonado”, faz relação a uma paródia da música “Estou apaixonado”, dos cantores João Paulo e Daniel, porém, a reflexão trazida para os leitores é uma visão do senso comum preconceituosa, em que as pessoas de situação de rua sofrem incessantemente.

Eu quero ver o que tu tens na bolsa,
 pra ver se arranjo algo pra comida.
 Quero contar pra ti a minha história,
 minha própria vida.
 Talvez você até tenha notado,
 Mas, mesmo assim, finge que não vê,
 Que eu vivo aí pelas calçadas somente a sofrer (REIS, 2005, p. 25).

As reflexões parodiadas apontam para a situação de pessoas que estão na rua, mas que precisam ser ouvidas, porém a falta de atenção gera o preconceito social. Assim, o sujeito se vê largado ao relento e distante das mínimas condições de vida, o que, de certo modo, é visto como situação de depreciação dos sujeitos.

As pessoas em situação de rua usam roupas sujas e possuem um mau cheiro muito forte. De modo geral, essa situação gera desprezo por parte daqueles que por eles passam. No entanto, essa questão social deve ser observada com critérios de possível acolhimento porque esses cidadãos merecem, também, um viver digno.

Que estou abandonado
 e esta dor é tão grande.
 Que estou abandonado
 agora muito mais que antes (REIS, 2005, p. 25).

Os cidadãos em condições de rua são sujeitos que, na maioria das vezes, sofreram desprezo e abandono dos familiares e amigos. Muitos deles tiveram boas condições financeiras, mas a atual situação indica que perderam tudo. Falta-lhes, portanto, os amigos, os recursos financeiros. Além

disso, a sociedade os vê como “vagabundos” e sem perspectiva de vida.

O sujeito em condições de rua vive sem os sentidos de sua própria morada; no entanto, ele não cessa de buscar um abrigo para a sua proteção, principalmente a noturna, momento em que se encontra indefeso e largado à sorte da vida.

Procuo abrigo em noite enluzada,
passando frio em plena madrugada,
mas vivo a minha vida de abandonado (REIS, 2005, p. 25).

Na estrofe acima, o autor aborda a que tipo de realidade as pessoas em situação de rua pertencem. Contempla uma busca incessante pelo lugar de proteção, ou seja, para ter um lugar de repouso e de superação do frio, da fome e do abandono. Substancialmente, a abordagem literária de Reis (2005) aponta para a necessidade de políticas públicas sociais, as quais sejam capazes de dar apoio às pessoas em situação de rua, pois o contrário da realidade que vive seria a de cidadãos com emprego e salário dignos para a sobrevivência.

Considerações Finais

A recente criação do estado de Tocantins descortina o nascimento de uma literatura pujante em razão da existência de escritores em todos os seus municípios. Nesse sentido, a literatura deixa de funcionar como um elemento que dá nome aos sujeitos para propagar as condições sociais.

Os incentivos à valorização da leitura literária nos espaços escolares, bem como a instituição de programas pela Secretaria de Educação, Juventude e Esportes, indicam que a Literatura Tocantinense congrega narrativas capazes de despertar reflexões sobre as condições sociais dos sujeitos, principalmente dos que vivem em situações mínimas de sobrevivência.

A expressividade poética de Reis (2005), escritor tocantinense da cidade de Colinas, aponta para a percepção de cidadãos em situações de rua. Destaca também a realidade das desigualdades sociais responsáveis pela elevação dos índices de desemprego e da ausência de condições dignas de sobrevivência.

A criação de políticas públicas destinadas ao amparo de pessoas em situação de rua indica que a temática social necessita de ações práticas. Isso denota que os estudos literários não funcionam como fatores de embelezamento poético. Na verdade, a literatura é um mecanismo fundamental à percepção das mazelas sociais, a exemplo do texto analisado neste trabalho, pois o cidadão que está na rua, o mendigo, é também um sujeito que precisa ser ouvido e acolhido.

Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. Germinie Lacerteux. In: AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter *et al.*. **Textos escolhidos**. Trad. José Lino Grünnewald *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MORETTI, Franco. **O século sério**. Novos Estudos CEBRAP, no. 65, p. 3 - 33, mar. 2007. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/estado-tocantins.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIEIRA, José dos Reis. **Janelas Poéticas**. Goiânia: KELPS, 2005.

CAPÍTULO III

A VALORIZAÇÃO DO REGIONALISMO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DA OBRA “AS AVENTURAS DE ZÉ LOROTA”, DE FRANCISCO DUARTE

Andréia Paz Ferreira¹

Introdução

Este ensaio objetiva discorrer sobre a relevância do trabalho com o regionalismo no contexto escolar. Para tal, traçamos considerações sobre a coletânea de contos intitulada “*As Aventuras de Zé Lorota*”, publicada em 2016, por Francisco Duarte, com o intuito de exemplificar o tema abordado com uma obra de caráter regional.

Francisco Duarte é natural da cidade de Araguatins, localizada na região do Bico do Papagaio, no norte do Tocantins. O autor possui vários trabalhos no campo da poesia, porém, nessa coleção de contos ele surpreende ao ressaltar os aspectos regionais atrelados ao humor por meio de contos curtos.

Selecionamos, então, esta obra para breve análise pela necessidade da inserção da cultura local como ferramenta didática. Além disso, os elementos de humor presentes na obra podem contribuir para maior adesão e compreensão do texto pelos alunos, uma vez que a leitura é mais rápida, fluida e acessível. Nessa perspectiva, buscamos contextualizar os conteúdos para que o educando desenvolva as capacidades necessárias para a interpretação textual, relacionando o texto aos seus conhecimentos prévios de mundo.

Este trabalho se atentará às características regionais transpostas no decorrer dos contos, e sua importância para a proficiência literária dos educandos. Para isso, dividimos o texto em três tópicos: 1. *A Relevância do Regionalismo como Recurso Didático*, em que discutiremos a importância da literatura regional e da inserção de obras regionais em sala de aula; 2. *O Humor presente em “As Aventuras de Zé Lorota”*, em que brevemente pontuamos a influência da linguagem humorística na obra; e 3. *Linguagem Acessível em “As Aventuras de Zé Lorota”*, em que trataremos da influência da linguagem na compreensão textual dos educandos sobre o assunto abordado.

A Relevância do Regionalismo como Recurso Didático

A literatura regional desempenha a importante função de ampliar o senso crítico dos leitores através de um espaço já conhecido por muitos deles. Nessa vertente, a escola enquanto res-

1 E-mail: andreiapazferreira@outlook.com

ponsável legal pelo conhecimento sistematizado tem o dever de não apenas valorizar, como também inserir na grade curricular tipos distintos de leitura, dentre elas a de cunho regionalista, pois

a literatura não é só um veículo de entretenimento, sua função ultrapassa o caráter lúdico, atingindo a informação e formação do leitor, devido, por exemplo, ao enfoque dado por ela aos fatos históricos e culturais de um povo ou simplesmente por seu caráter estético (MORAIS, 2013, p. 237).

A literatura regional é, portanto, um elo entre o leitor regional e o mundo que o cerca. Há, nessa modalidade de literatura, a valorização dos aspectos histórico-sociais de uma determinada região. Desse modo, ela exerce a função social de contribuir para a expansão da criticidade dos leitores, levando-os a refletirem sobre temas e fatores distintos dentro de uma obra que tem como cenário a região em que vivem.

Com base no exposto, percebe-se que a inserção de obras regionalistas na grade curricular dos discentes tem muito a contribuir para a reflexão dos alunos. Para além dos estudos canônicos, a literatura regional visa instigar a reflexão sobre temas cotidianos na vida do leitor, como por exemplo, a fauna, flora, política, nível de desigualdade social, cultura local, tipos de comércio e outras tantas possibilidades.

Além disso, o estudo de obras regionais pode também contribuir para que alunos conheçam melhor a realidade histórico-social de diferentes regiões do país. Por exemplo, trabalhar com a literatura tocantinense em um cenário do século XIX é diferente de trabalhar com textos contemporâneos. Tais diferenças históricas irão apontar para mudanças sociais interessantes para discussão em sala de aula.

Trabalhar o regionalismo em sala, naturalmente, requer planejamento. Assim, o professor deve realizar uma seleção prévia das obras escolhidas, pensando nos resultados que ele almeja alcançar com os alunos. Isto é, essa seleção deve considerar os pontos de reflexão e debate que o docente almeja discutir. Tudo isso se faz necessário para que os educandos possam ter noção da amplitude que a literatura consegue alcançar.

Por fim, reforçamos que, independentemente do tipo de literatura, mundial, nacional ou regional; canônica ou de massa; o contato com os diversos tipos de texto possibilita o melhor desenvolvimento do senso crítico do aluno. Para tal, cabe à escola contribuir para a valorização literária em toda a sua extensão, sem deixar de dar o merecido valor à literatura considerada regional.

Humor Presente em “As Aventuras de Zé Lorota”

O livro analisado é uma coletânea de contos, protagonizada pelo personagem que dá título à obra, Zé Lorota. O protagonista em questão é um sertanejo de origem humilde e vida campestre. É um homem idoso, que descende de escravos africanos, e não teve a oportunidade de estudar. Porém, é um homem sábio à sua maneira, pois sabe o suficiente para seguir com sua vida simplória.

Este personagem representa a vida difícil dos cidadãos de classe humilde, que têm nas mãos a árdua tarefa de trabalhar desde cedo para ajudar nas finanças familiares. Zé Lorota, ao longo da

obra, demonstra que, apesar de não ter tido a oportunidade de ingressar no ensino regular, seu conhecimento de mundo o permite fazer diversas atividades cotidianas.

O protagonista é também um excelente contador de histórias, de modo que os contos narrados por ele remetem a grandes personagens de Ariano Suassuna, como Chicó e João Grilo. Esse traço fica evidente já na primeira história contada, intitulada “*O Sumiço do jumento*”. Nesse conto, Zé Lorota procura por seu animal de estimação, o jumento chamado Estalo, e o encontra preso embaixo de uma melancia, conforme excerto a seguir:

Acho que o bichinho foi comer a casca e quando pisou na beirada, a banda da melancia virou sobre ele.

Zé Lorota jura de pés juntos que é a mais pura verdade (DUARTE, 2016, p. 13).

A tal circunstância fictícia poderíamos atrelar à famosa frase de Suassuna (1999) “[...] não sei, só sei que foi assim”, frequentemente reiterada pelo conhecido personagem Chicó.

As demais histórias são tão fantasiosas e humoradas quanto o conto mencionado anteriormente. Aos poucos, o autor vai costurando as narrativas de modo a revelar detalhes da vida difícil de Zé Lorota e do ambiente em que vive. Em um dos contos, o protagonista decide pescar em companhia do filho, atividade essa bastante praticada na região, inclusive, meio de vida para algumas famílias. A escolha do tipo de peixe mencionado na obra também faz referência a certos hábitos tocantinsenses; o peixe escolhido é um pirarucu, uma espécie apreciada no Tocantins. Vejamos a seguir um trecho que conta sobre essa aventureira pescaria:

[...] o peixe beliscou a isca e puxou com força. Quando quis pegar a linha que estava amarrada na perna, pirarucu deu outra puxada, essa agora, das grandes. Ainda bem que já tinha agarrado na linha, mas não deu tempo de desamarrá-la da perna e com o sopapo do bicho, desequilibrou-se e caiu n’água, tendo o peixe lhe puxado para o fundo do rio.

Quando caiu n’água, começou sua batalha para não perder o peixe, nem morrer afogado. O peixe puxava daqui, ele puxava dali, dava linha, encurtava linha, tudo no fundo do rio.

Depois de mais ou menos meia hora de labuta, conseguiu pegar o peixe e sair na praia, com o bicho nas costas. Era um pirarucu dos grandes, de mais ou menos uns trezentos quilos. Zé Lorota não é homem de mentira (DUARTE, 2016, p. 16).

Vemos, mais uma vez, uma situação fantasiosa em que o elemento humorístico está presente. Assim como não é possível um jumento enfiar-se debaixo de uma melancia, não é possível um pescador lutar por meia hora no fundo de um rio contra um peixe. Porém, são essas situações fantasiosas que dão o tom humorístico nos contos. Além disso, o autor traz um elemento irônico a partir do nome do personagem, *Zé Lorota*, visto que a palavra “lorota” tem o sentido de “[...] o mesmo que mentira; conversa fiada” (cfe. Dicionário *Online*, 2022); e o personagem supostamente não é “homem de mentira” (conforme trecho acima).

Ambas as situações ilustradas aqui retratam a habilidade de contar histórias que o personagem possui. Além disso, no decorrer da obra, o livro vai abordando mais aspectos sobre a região, costumes e credences dos personagens, que por sua vez, representam os tocantinsenses de origem

humilde.

Tais aspectos que representam o estado do Tocantins, assim como os elementos de humor presentes na narrativa, podem ser fatores motivadores para a leitura do texto em sala de aula, pois, se relacionam ao contexto do aluno e incentivam a leitura por meio de uma linguagem divertida e acessível. Assim, Duarte (2016) oferece aos leitores uma narrativa bem-humorada e digna de destaque no campo da ficção.

A Linguagem acessível em “As Aventuras de Zé Lorota

Um dos constantes desafios do ensino sistematizado é conseguir conciliar os estudos dos cânones com o conhecimento prévio que o educando traz de casa, conhecimento esse que tem por base o meio em que vive. Tal situação pode acarretar na desvalorização da cultura vivenciada pelo estudante e dificultar o acesso do aluno ao saber dito “erudito”. A escola, muitas vezes, falha em não trabalhar com os aspectos locais e que constituem a realidade dos sujeitos que ali se encontram. A falta de reflexão sobre o próprio local em que o aluno vive, pode contribuir para uma fragilidade da compreensão dos discentes sobre questões mais amplas debatidas no contexto escolar.

É nesse contexto, que a relação entre a maneira como o texto é trabalhado em sala de aula e a própria linguagem textual necessita ser levada em consideração, pois,

[...] como se sabe, o intuito maior da escola é o de ensinar a língua padrão prestigiada pela elite econômica e cultural, bem como pelos segmentos oficiais da sociedade. Nessa perspectiva, surgem várias dúvidas de como incluir as práticas voltadas para o ensino e aprendizagem eficaz no contexto da sala de aula, sem que isso se torne uma tarefa maçante a qual os alunos, muitas vezes, não têm muito interesse (LIMA; MARTINS; LUZ, 2016, p. 113).

Com base no exposto, é possível constatar o prestígio da língua padrão no ambiente escolar. Ressaltamos que não é o objetivo deste trabalho desmerecer tal prestígio ou mesmo questionar a necessidade de a escola trabalhar com a modalidade da língua padrão. O que buscamos priorizar aqui é a abertura de possibilidades, para que o professor discuta com os alunos diferentes tipos de textos literários, inclusive textos escritos de forma mais próxima da maneira que os alunos falam.

Esse é o caso da obra “*As Aventuras de Zé Lorota*”, uma vez que Duarte trouxe para essa exímia coleção de contos, muito mais que o humor e fantasia, mas também, a linguagem regional empregada no cotidiano, uma linguagem acessível. Esse aspecto torna a leitura da obra bastante fluida e de fácil compreensão por parte dos educandos.

Dessa maneira, o trabalho com a obra em questão abre margem para discussões que transcendem o próprio texto, tais como a valorização dos diferentes tipos de fala que podem ser empregadas em contextos diversos. Para isso, o professor deve levar em consideração que:

[...] o papel do educador é mediar o aluno acerca de tais conhecimentos, bem como mostrar a diferença que há entre escrita e fala, pois, essa prática facilita o entendimento sobre o real motivo pelo qual aprendemos a língua portuguesa na escola e sua importância para algumas situações de fala e escritas mais formais, em que o uso dela faz-se necessário e, ao mesmo tempo, valorizam

também as outras formas existentes de falares (LIMA; MARTINS; LUZ, 2016, p. 113).

Neste panorama, “*As Aventuras de Zé Lorota*” cumpre a função de inserir a linguagem coloquial em sala de aula, possibilitando debates sobre as diferenças entre a linguagem formal e coloquial, bem como quando e em quais contextos cada uma deve ser utilizada.

Considerações Finais

Este ensaio procurou discorrer sobre a importância do regionalismo em sala de aula usando como exemplo a obra “*As Aventuras de Zé Lorota*”. Ao longo do texto, debatemos sobre a relevância da literatura regional em ambiente escolar, a fim de ampliar o senso crítico dos discentes sobre a sociedade que os rodeia. Também pontuamos alguns aspectos da obra levando em consideração, além de seu caráter regional, o tipo de linguagem utilizada no decorrer da narrativa, a fim de facilitar a compreensão dos discentes e suscitar oportunidades de debates em ambiente escolar sobre a linguagem formal e a coloquial.

Com base no exposto, percebe-se os benefícios de se inserir, de forma planejada e eficiente, a leitura de obras regionalistas na grade curricular das escolas, tendo em vista seu potencial de contribuir significativamente para a valorização da cultura local, sentimento de pertencimento do aluno ao objeto de estudo, e ampliação do senso crítico do educando.

Tais discussões visam contribuir de forma auxiliar na melhoria do sistema de ensino, possibilitando a formação de indivíduos mais críticos sobre o meio em que vivem, pois é por meio da compreensão do contexto no qual estão inseridos, que podem traçar formas de transformar seu meio.

Referências

DUARTE, Francisco. **As Aventuras de Zé Lorota**. Editora Cromos. 2016.

LIMA, Jonas Pereira; MARTINS Maria Rilda Silva; LUZ, Erika de Sousa. O Conto Tocantinense ‘Nóis Mudemo’ sob a Perspectiva Sociolinguística. **Revista Porto das Letras**, Vol. 01, Nº 02. Estudos Linguísticos: Linguagens, Cultura e Ensino, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/1865>. Acesso em: 15 set. 2022.

LOROTA. In: **Dicionário Online de Português**. 7Graus, 2009 - 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lorota/>. Acesso em: 15 set. 2022.

MORAIS, Mario Ribeiro. Letramento Literário na escola e o Regionalismo nas obras de Contos Veredão e Rasas Raízes. **Revista de Letras Dom Alberto**, v. 1, n. 4, jul./dez. 2013.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 34 ed./3ª imp. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

CAPÍTULO IV

PARA QUE SERVE A LITERATURA TOCANTINENSE?

Deysi Pereira da Silva¹

Introdução

O presente trabalho é resultante dos debates e reflexões sobre a produção literária tocantinense, fomentados no decorrer das aulas do curso de extensão – Literatura Tocantinense em Debate (2020.2), vinculado à Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), por meio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (Proex), em parceria com o curso de Serviço Social/Câmpus Palmas, sob coordenação dos professores Rubens Martins da Silva e Clarissa de Sousa Oliveira McCoy.

Esta produção surge enquanto produto complementar aos temas estudados, não esgotando todas as temáticas atreladas ao campo da Literatura Nortista/Tocantinense e/ou as peculiaridades e estilos literários de seus autores.

Tendo isso em mente, este ensaio acadêmico, sob título – *Para que serve a Literatura Tocantinense?* - não busca retratar uma discussão meramente funcionalista da literatura, mas propõe apresentar traços da literatura de nosso Estado que evidenciam uma identidade literária. Isto é, procura-se abordar a produção literária particular do Estado do Tocantins que se constitui nas narrativas traduzidas em versos, estrofes ou parágrafos, pois como afirma Antonio Candido, “[...] há sem dúvida literatura brasileira manifestando-se de modos diferentes nos diferentes Estados” (CANDIDO, 2014, p. 147). Contudo, em se tratando de nossa literatura nortista, é perceptível a presença de uma produção comprometida com a história de nosso Estado e nosso povo, engajada na difusão da cultura local e modo de vida do tocantinense.

Assim, o trabalho divide-se em 03 momentos. O primeiro tópico *Uti e Frui: discussões sobre a utilidade e a fruição da Literatura Tocantinense* busca conduzir o leitor a refletir sobre a utilidade e fruição de nossa literatura tocantinense. Ressalta-se que embora o funcionalismo literário possa estar atrelado a uma ideia de esvaziamento e reducionismo da experiência humana para com a literatura, esta não escapa do discurso e defesa em prol do cumprimento de um papel social e político.

Em seguida, o tópico *A Literatura Tocantinense conta uma história* traz em breves linhas a relação da literatura tocantinense com a criação do Estado do Tocantins. Por último, em *A Literatura Tocantinense de/marca a Identidade Regional e os aspectos culturais do Tocantins*, discutem-se questões de marcação da identidade tocantinense, por meio da literatura e também os aspectos culturais

1 E-mail: deysiapegen@gmail.com

que constituem tal identidade e região.

Uti e Frui: discussões sobre a utilidade e a fruição da Literatura Tocantinense

Esta discussão, primeiramente, avalia a concepção de *frui aut uti* – fórmula latina para o termo “uso ou fruição” – que perpassa basicamente toda a produção teórico-literária e se inscreve na construção agostiniana (BERNARDO, 2013) de uma ordem moral, ética cristã, alcançando as relações, transpessoais, interpessoais, e, por fim, subpessoais, envolvendo todas as relações possíveis ao homem.

Deste modo, a Literatura deveria ser pensada, ao menos, sob duas conjecturas, qual seja - *frui aut uti*, pois sua construção não se dá no vazio e nem busca atingi-lo; antes, envolve um propósito específico, idealizado por aquele que escreve e aquele que lê.

Considerando que - usar e fruir - se destinam a ações diversas, e que a menção de ambas provoca o ato de escolha por parte do leitor/escritor, nos questionamos: Para que serve a literatura? A literatura deve ser objeto de uso (*uti*) ou fruição (*frui*)? É sensato ao leitor/escritor realizar tal escolha?

Para Agostinho (Século IV a.C, *apud* Bernardo, 2013, p. 26), fruir significa aderir a alguma coisa por ela própria, é reconhecer nesta coisa o valor que transcende a própria utilidade e a assumir como um bem a ser desejado por ele mesmo e não por alguma qualidade que lhe seja extrínseca. Porém, se escolhermos - usar - a literatura, afirmamos seu caráter funcionalista, e então, a literatura tal como nos é apresentada servirá apenas por ser útil e/ou por possuir destinação específica.

Como dito anteriormente, o funcionalismo literário esvazia e reduz a experiência humana para com a literatura, mas cabe-nos ainda a seguinte argumentação: A literatura tocantinense não se destinaria a ambos? Não seria possível ao leitor/escritor desfrutar da experiência literária de ambas as formas?

As deduções que se destinam a esclarecer tais questionamentos se desdobram a seguir.

A Literatura Tocantinense conta uma história

História, do grego, *historía* designa o “[...] conjunto de fatos ou acontecimentos relevantes, ocorridos no passado da humanidade, destacando-se época, local e dados importantes” (MICHAELIS, 2021). Assim, contar uma história remete ao ato de propor uma narrativa muitas vezes tradicional, uma história popular.

A Literatura Tocantinense, sem dúvida, conta uma história. É o que se depreende dos escritos do contista goiano Bernardo Élis, que seguramente retrata a criação do estado do Tocantins, segundo a trama de jogos de interesses político-empresariais e eleitoreiros. Em suas obras, Bernardo Élis demonstra profundo interesse em retratar questões relacionadas ao seu Estado, seja em textos políticos ou mesmo em contos.

Engajado em movimentos de extrema esquerda, sua entrada para o Partido Comunista re-

verberou sobre toda a sua vida e produção literária, percebendo, na literatura, um forte potencial de influência política. Bernardo Élis, então, comprometeu-se em revelar ao Brasil o estado de Goiás e a denunciar suas mazelas - “Com a ajuda da crítica, pude perceber o estado de atraso, rudeza, primitivismo, ignorância, doenças em que viviam as populações goianas. [...] Tentei (tentado pelo Marxismo) fazer da literatura uma arma de denúncia social” (ÉLIS, 1999, p. 60 *apud* APARECIDA DEBONI, 2007, p. 28).

A história de criação do Estado do Tocantins tem sua base sobre a construção de uma história nem sempre contada e, por muitos, desconhecida, em que reinou a opressão feudal, a impunidade política, e a ausência de qualquer assistência às classes menos favorecidas, males estes, responsáveis pelo atraso social vivenciado pela população goiana, temas que foram abordados em seus textos.

Minha literatura, então, era matéria difícil, porque focalizava problemas goianos tidos como indignos do fazer literário. Procurava sublinhar a humanidade do homem sem-terra, mostrando a injustiça do latifúndio e da opressão feudal, responsáveis pelo atraso e pelos males sociais de que éramos vítimas. [...] Além do que, minha literatura punha a nu as mazelas da única camada social que poderia ler, a dos alfabetizados, todos eles integrantes da classe dominante dos latifundiários ou a ela ligados pelos laços da burocracia, do magistério e cargos e funções eclesiásticas (ÉLIS, 1999, p. 61-62 *apud* APARECIDA DEBONI, 2007, p. 28).

Em sua ficção regionalista, *A Enxada*, Bernardo Élis retrata as injustiças, a precariedade e a exploração a que os homens do campo eram submetidos ante o coronelismo goiano, personificado, na figura do proprietário de terras, obra em que a história narrada conta a história social de um povo.

Obra de cinco anos, Piano pegou um empreito de quintal de café com o delegado. Tempo ruim, doença da mulher, estatuto do contrato muito estrangulado, vai o camarada não pôde cumprir o escrito e ficou devendo um conto de réis ao delegado. Ao depois vieram os negócios de Capitão Benedito com João Brandão, a respeito do tal peixe de ouro de sá Donana, e no fritar dos ovos acabou Supriano entregue a Elpídio, pelo delegado, para pagamento da dívida. Com ele, foram a mulher entrevada das pernas e o filho idiota, que vieram para a Forquilha, terras pertencentes a Desidéria e Manoel do Carmo, mas que o filho de Donana comprou ao Estado como terra devoluta. Supriano deveria trabalhar até o fim da dívida (ÉLIS, 1975, p. 95).

A crítica ao cenário político da época esteve sempre presente em seus textos, como no artigo “*Estado do Tocantins: Canibalismo político*”, publicado na revista *Presença*, em que repudia o discurso acolhido pela CONORTE, defensora do movimento separatista do Goiás. Para Élis, tal discurso escondia a verdadeira intenção do movimento em favor da criação do Estado do Tocantins, pois o “Progresso” prometido seria um pretexto para a criação de novos cargos políticos.

Contar uma história (segundo a obra mencionada) propõe ao leitor/escritor, usar e fruir de uma literatura ampla, com alcance a uma narrativa legítima e/ou ficcional (contada por um per-

sonagem), espaço em que as relações sociais e políticas se fundem revelando realidades outrora vivenciadas (a exemplo da escravidão dos tempos coloniais).

É assim que a A Literatura Tocantinense conta sua própria história, através de um resumo da condição humana do tocantinense, figurante de uma ordem social e também histórica.

A Literatura Tocantinense de/marca a Identidade Regional e aspectos culturais do Tocantins

Demarcar ou marcar uma identidade regional dentro da literatura exige o despontar de peculiaridades no esboço do perfil literário em voga, no caso, da literatura tocantinense.

Dado o esforço e consciência literária de autores do estado do Tocantins, é possível perceber elementos do regional em suas obras, apontando particularidades e eixos temáticos que caracterizam essa vertente.

Um texto considerado regionalista deve apresentar em seu corpo elementos próprios do local, retratando, por exemplo, o espaço geográfico, o sentimento de identidade e amabilidade em relação à sua terra natal, os costumes, crenças, tradições, além de expressões linguísticas locais. Como dispõe Coutinho (1995, p. 205), “[...] o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de região”.

O regionalismo literário exalta e narra a paisagem local destacando aspectos como clima, topografia, flora, fauna etc. – enquanto elementos que inferem sobre a vida humana em uma dada região, tornando tal localidade distinta de qualquer outra, pois “[...]o discurso regionalista é um discurso performático que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer conhecer a *região* assim delimitada” (BOURDIEU, 2001, p. 119).

A Literatura Tocantinense de/marca a identidade regional, indicando espaços geográficos retratados em lugares específicos, como na menção a Catedral de Nossa Senhora das Mercês da cidade de Porto Nacional, retratada no poema de dez cantos, do autor tocantinense Célio Pedreira, intitulada *Catedral*, escrita em memória aos 100 anos da Catedral de Nossa Senhora das Mercês.

A referência a catedral, por si mesma, de/marca uma região, cidade, e crença de um povo (portuense/tocantinense). O autor aprofunda o alcance imagético do leitor, narrando a cena de criação da igreja, que se condensa a história de criação/nascimento de uma nova comunidade, que erguem muros e monumentos para alicerces de sua fé.

Vigília secular/ do rio/ a catedral/ para navegar/ os incautos/ que o apedrejam/ lago/ em lugar de correnteza/ naufrágio/ em lugar de árvores/ cimento/ em lugar de praças/ vazio/ em lugar de pássaros (PEDREIRA, 2003, p. 25 *apud* PIRES, 2016, p. 177).

Alinhado à de/marcação da identidade regional estão, também, os aspectos culturais de determinada região. Ressaltamos, aqui, que falar na transmissão da cultura do povo tocantinense por meio da literatura requer o conhecimento da atividade literária tocantinense inerente a um

processo literário ainda incipiente, visto que essa construção cultural se dá concomitantemente à formação do estado do Tocantins.

Nessa perspectiva, Firmino prediz que “a procura das verdadeiras raízes tocantinas no campo da história impôs a necessidade, aos construtores do novo Estado, de inventar uma cultura própria, uma identidade apresentada como única e transcendental” (FIRMINO, 2003, p. 98 *apud* DEBONI, 2007, p. 17).

Atualmente, frente ao processo de consolidação cultural, os autores tocantinos têm buscado trabalhar em suas obras elementos e fatos que possibilitam a transmissão da cultura do povo tocantinense. Este é o caso das obras de Irma Galhardo, escritora, cordelista e contadora de histórias, referência em literatura infantil tocantinense, com cinco livros publicados e alguns premiados.

Em sua obra “*A Epopeia Tocantinense*”, a autora registra a história do estado e cultura tocantinense por intermédio da literatura infantil, numa poesia acessível a todas as idades.

O enredo da poesia se dá em torno da História e da Cultura do Tocantins, que inicia com a descoberta de seu rio (Rio Tocantins) em 1960, passando por lutas e movimentos separatistas do estado, a busca em descoberta do ouro, a chegada dos Jesuítas e portugueses, a coexistência de várias etnias indígenas (Krahôs, Apinajé, Javaé, Xambioá, Karajá, Xitxocô, Xerente, Akwê), a criação da comarca do Norte, até culminar na criação do Estado, em 1988.

Vou contar a história do Estado do Tocantins desde a descoberta do rio que os franceses fizeram aos acontecimentos marcantes que depois vieram. Houve uma luta antiga gente grande entrou na briga para o Goiás dividir organizações diversas até sangue derramado para o Estado surgir. Antes de tudo, o rio o francês quem o descobriu no século XVII, bem no início o que significou bom auspício o rio possibilitava navegação e desenvolvimento para a nova região (GALHARDO, 2012).

A luta gravou o recado: CO YVY ORE RETAMA o povo nortense reclama e contra um clamor coletivo nada e ninguém há que possa, pudemos bradar com orgulho ESTA TERRA É NOSSA! (GALHARDO, 2012, p. 62).

E o nortista pode enfim “altaneiro levantar e o futuro contemplar já que o sonho secular acabara de realizar”, pois “brilhando dos céus aos confins” a esperança irradiava mais um astro ali reinava nosso amado Tocantins! (GALHARDO, 2012, p. 66).

Diante do exposto, afirma-se que a Literatura Tocantinense transmite a cultura de seu povo, posto que a temática abordada na obra acolhida como exemplo (*A Epopeia Tocantinense – Irma Galhardo*) remete a um registro lúdico e imagético da história do Tocantins e de sua cultura. Seja através do cordel, das histórias contadas para crianças (mas que não se limitam às crianças) ou do poema, a autora, assim como alguém que cultiva, planta a certeza por trás de uma história, num processo sociointeracionista, disposto a enraizar conhecimentos de dimensão histórica e social, na certeza de um novo florescer que alcance a consciência, por parte das crianças, de seus antepassados, lendas e costumes.

Considerações Finais

Por fim, depreende-se do exposto que a Literatura Tocantinense se reveste de uma função social e política, buscando não apenas satisfazer delimitações funcionalistas da Literatura, mas contribuindo com a inserção e demarcação de uma literatura própria, com fontes históricas.

Os traços dessa literatura evidenciam uma identidade literária. Uma produção engajada com narrativas históricas de nosso Estado e povo; e, ainda, peculiaridades que caracterizam este estilo de escrita à difusão da cultura local e o modo de vida do tocantinense.

A Literatura Tocantinense é como um rio, como o rio Tocantins, de nascente longínqua (*ou histórica*), em que o corpo de água afluente segue seu curso até se dividir em dois braços (*função social e política*), desaguando em outro rio (*repertório literário do leitor*), sendo difícil delimitar o seu fim.

Referências

ANDRADE, C. D. de. **Antologia Poética**. 48ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BERNARDO, C. E. Santo Agostinho: A Relação Moral com o mundo na ordem do Frui ao Uti. **Revista Kinesis**, vol. V, n° 09, julho 2013, p. 26-34. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4496/3306>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

COUTINHO, A. **Introdução à Literatura no Brasil**. 16. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.

DEBONI, M. A. O papel das Academias de Letras na formação e caracterização da atividade literária no Tocantins. 2007. 135 f. **Tese** (Doutorado em Estudos de Literatura). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Pós-Graduação em Letras, Niterói, RJ.

ÉLIS, B. A enxada. In: BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 93-115.

GALHARDO, I. **Epopeia Tocantinense**. 2. ed. Palmas: Edição de autor, 2012.

HISTÓRIA. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MORAIS, M. R. Letramento Literário Regional. In: **XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2015, Rio de Janeiro - RJ. Caderno de resumos - CIFEFIL. Rio de Janeiro - RJ: Universidade Veiga de Almeida - Cadernos do CIFEFIL, 2015. v. XIX. p. 121-122.

MORICONI, I. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PIRES, L. A; OLIVEIRA, V. C. A Presença do Regionalismo na Literatura Tocantinense: Diálogo com Célio Pedreira. In: **Revista Porto das Letras**, vol. 02, Número Especial, 2016. Cem anos do Levante de Páscoa: Impactos Sociais, Linguísticos e Literários. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/2819/8984>. Acesso em: 20 jan. 2021.

RIBEIRO, E. da Silva; VICENTE, K. B. A literatura infantil tocantinense: marcas de autoria nas imagens e nas narrativas. In: III Encontro de Iniciação Científica da Faculdade ITOP, Palmas - TO, 2017. **Revista Multidebates**, v.1, n.1. 2017.

SILVA, M. E. Um olhar para a formação docente nas escolas do campo de Palmas - TO. In: **I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: campo e cidade em busca de caminhos comuns**, 2012, Pelotas. I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: campo e cidade em busca de caminhos comuns. Pelotas, 2012.

CAPÍTULO V

AVENTURAS LITERÁRIAS NO TOCANTINS

Alexandre da Silva de Melo¹

Introdução

O curso de extensão “Sustentabilidade e Ensino de Literatura Tocantinense na Educação Básica e Superior”, ofertado pelos professores da Universidade Estadual do Tocantins, Rubens Martins da Silva e Clarissa de Sousa Oliveira McCoy, no primeiro semestre de 2021, problematizou importantes abordagens sobre a produção literária tocantinense. A partir dele, este texto, na forma de Relato de Experiência, consolidou o objetivo de engendrar, a partir de abordagens científico-literárias, o potencial intelectual de acadêmicos e da comunidade, bem como, recrudescer a importância de saberes culturais, políticos e sociais que cerceiam algumas obras literárias estudadas durante as aulas realizadas de forma remota pelo aplicativo *Google Meet*.

De acordo com o teórico Antônio Candido (2014), a literatura é humanizadora, além de ser um direito humano básico. Sob este enfoque, abordar-se-á o correlato crítico-analítico do conto: *A lavadeira*, escrito pelo escritor tocantinense Dourival Santiago, no livro “*Gente do Interior*” (*Crônicas e Contos* – 2004). Nesta narrativa, as aventuras literárias no Tocantins são refletidas com base em importantes temáticas integradas à sociedade atual: individualismo, desigualdade e agitação. De certo modo, elas buscam resgatar e ampliar discussões, ou seja, dar oportunidades iguais a quem tem caminhos diferentes com uma estratégia de trabalho que irá desencadear modificações significativas nos processos, na organização e nas práticas literárias voltadas para um ensino democrático.

É impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também por meio da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos.

No contexto de uma reflexão que aborda questões sociais, este texto contempla fundamentos teóricos sobre a humanização e formação educacional promovidos pelos estudos literários.

1 E-mail: alexandremleo95@gmail.com

O contexto dos fundamentos teóricos

As abordagens literárias que serão desenvolvidas neste relato de experiência estão fundamentadas nas concepções teóricas de Candido (2014). O escritor apresenta, de forma esmiuçada, como a literatura adquire identidade sob a perspectiva de escrita de dado ponto de vista regional, onde abordagens de caráter descritivo sobre o local onde se vive, podem, evidentemente, aparecer no texto lido. Salienta-se a importância do desenvolvimento cultural para formalização dos campos cultural, social e político. A crítica fundamentada pelo escritor nos faz perceber abordagens de ordem hermética e frugal.

Heterodiegeticamente, a contribuição teórica de Santini (2011), comprovando algumas evidências de produção cultural local, bem como, esclarecendo importância da descrição da narrativa, é observado como elemento responsável pelo despertar do olhar crítico do leitor. Complementarmente, o suporte teórico difundido por Vicentini (2007) fundamenta o processo de discussão acerca de lexemas que simbolizam, originalmente, algumas regiões por meio de processo de conhecimento baseado em estereótipos.

No percurso dos apontamentos de Cândido (2014), a abordagem sobre a literatura tocantinense adentra ao viés de que “se não existe uma literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de maneira diferente nos diferentes estados [...]” (CANDIDO, 2014, p. 139).

Durante a realização e desenvolvimento do curso, observou-se a importância de dar destaque a temas relacionados à formação do processo de identidade cultural, bem como, salientou-se, de maneira científica, a sustentabilidade, equidade do ensino de literatura tocantinense no ensino básico e superior.

A partir das aulas realizadas no curso, realizou-se a análise do conto: A lavadeira, escrito pelo autor tocantinense Dourival Santiago, no livro *Gente do interior*. Durante as atividades propostas pelo docente, os debates que foram amplamente feitos durante o processo de aprendizagem, despertaram o interesse em relatar, esmiuçadamente, como estimulou no leitor o processo de catarse ao utilizar mecanismo de ordem intertextuais, que se debruçam sobre temáticas presentes no cotidiano. Nesse contexto, a leitura do conto a seguir é um convite para conjecturar acerca das temáticas supracitadas.

Soihet (2001) vai explicar a nós como a mulher luta para produzir sustento aos filhos mediante a ausência do pai.

O conto “A lavadeira”, de Dourival Santiago

A abordagem constitutiva deste texto resultou de uma leitura crítica do conto “A lavadeira”. Para situar o leitor nesse contexto, apresentamos o referido conto:

A cidade acorda e se envolve num formigamento frenético dançando ao ritmo louco dos comerciantes, comerciantes, doutores e braçais, que seguem rumo aos seus ofícios. Ela, ainda sonolenta, desperta o seu filho que ainda ressona com os anjos, pega-lhe pelo braço e segue rumo ao aposento das madames,

recolher roupas para lavar. E se dirige ao córrego, se une às dezenas de outras maltrapilhas e famintas, esquecidas da sorte, que se perfilam, não somente às margens do córrego, mas, à margem da vida. O filho se põe a brincar na parca areia que margeia as águas. Ela não tira os olhos vigilantes, do seu filho; o seu rosto quase desfigurado de calor e fome, transpira; os seus braços já frágeis pela desnutrição, chegam à exaustão do cansaço; as câimbras torturam as suas pernas. Mas ela não pode parar, ainda há roupas para cuarar; as suas mãos calejadas comprimem os tecidos à pedra bruta, as espumas se desprendem em jatos e navegam à flor da água, rumo ao mar, ao infinito, ao nada [...]. Com as espumas, seguem água à baixo, os seus sonhos coloridos; só a miséria, continua a seguir os seus passos. Já à tarde, oferece um pedaço de pão ao filho esgalamido, rouco de chorar, implorando comida, piedade e um pouco de atenção. Enquanto o filho devora o pedaço de pão, como se fosse uma fera felina degustando a presa, ela suga o catarro teimoso, de volta às narinas; senta-se à ribanceira e se alimenta do resto do feijão poupado do dia anterior, pois, não pode ir à cidade, tem que aguardar as roupas secarem ao sol. Já à tarde, segue rumo ao seu lar, carga pesada sobre os ombros, filho escachado à cintura; em silêncio faz as contas do que vai comprar com o dinheiro da lavação. É quase nada. A respiração é pesada, parece lhe faltar fôlego, a estrada é longa, encaracolada, íngreme, quase infinita; o filho suado escorrega da sua cintura, se torna mais pesado e incômodo, mas ela não pode parar. Chega em casa ao escurecer, o filho clama por comida, ela corre desatinada de um lado para outro procurando algo para matar a fome do seu filho; não encontra, se indigna, se estressa, se impacienta, manda o seu filho calar a boca, afinal, pobre não nasceu para comer. Toma emprestado da vizinha um pouco de arroz, mata a fome do seu filho, que não tem alento para brincar, dorme estirado no chão. Sua mãe respira fundo e com o novo ar retoma o afeto materno, dá um beijo molhado de saliva e dor na fronte do pequeno e o acomoda em sua cama. Ela cuida de passar a roupa, se concentra no ofício, se consome, esquece de si mesma. Só um pensamento lhe visita a mente, a vontade de terminar logo aquele trabalho e cair na cama. Ao deitar-se, mal resa e já começa a dormir, não tem tempo para sonhar, pensar em homem, pensar no futuro, pensar no seu filho que ressona ao seu lado. Ela já não pensa sequer em si mesma. É um ser marcado pela dor, pela correria e pela incerteza do amanhã, que já mataram a sua esperança. Como uma pedra ela se mantém por toda a noite, só alguns pesadelos quebram a rotina do pesado sono e flagelam mais ainda aquelas noites solitárias. No dia seguinte, ela se levanta, desperta o seu filho e segue os mesmos passos do dia anterior. Vai seguindo a vida sem viver, afogando em lágrimas sem chorar [...] ela não tem futuro, só um filho doente e faminto para cuidar. Os seus olhos não vislumbram o amanhã e a sua alma sangra de piedade do filho que ainda não aprendeu a sofrer e termina sofrendo mais ainda (SANTIAGO, 2004).

De modo geral e específico, o conto nos faz pensar em temas históricos, como fome, desigualdade, rotina. Os aspectos que nos levam a citá-los são os da leveza do escritor ao propor temas de ordem trivial, tão frugais no cotidiano das pessoas. Chama-nos a atenção para a época de pandemia, onde o número de pessoas em extrema linha de pobreza não arrefeceu. No conto lido, há a presença de personagens que vivem na simplicidade. Por isso, o título “a lavadeira”, nos faz

engendrar mecanismos de inferências acerca deste árduo trabalho, que, geralmente, é realizado por uma força feminina. Ou seja, a luta das mães para criação de filhos diante da constante busca pelo sustento. A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. Soihet (2001, p. 365) observa que

“estas mulheres, no Rio de Janeiro do início do século XX, em pleno processo forçado de “modernização” pelos padrões europeus de então, ali, [...] exerciam os desvalorizados trabalhos domésticos, fundamentais na reposição diária da força de trabalho de seus companheiros e filhos; como ainda produziam para o mercado, exercendo tarefas como lavadeiras, engomadeiras, doceiras, bordadeiras, floristas, cartomantes e possíveis biscates que surgissem”.

O trecho catafórico, a seguir, corrobora as arguições apresentadas, “o filho suado escorrega da sua cintura, se torna mais pesado e incômodo, mas ela não pode parar”. Temos aí a perseverança da contínua e árdua luta pela subsistência.

Considerações Finais

A experiência, no curso de extensão em Sustentabilidade e ensino de literatura tocantinense na Educação Básica e Superior, foi muito válida e extremamente enriquecedora. Podemos adquirir novas experiências e ter base para a prática docente a ser exercida, bem como formação crítico literária, e acima de tudo social. Frequentemente, surgiram problemas desafiadores, que permitiram o aprendizado de como se portar diante de cada um deles, durante os debates sobre as obras de autores tocantinenses. Obtivemos um amadurecimento tanto profissional quanto pessoal que será extremamente importante.

O sistema educacional sempre situou a formação do profissional docente, no contexto de um discurso ambivalente teoria e prática, mas, a partir da formação permanente, que tem como uma de suas funções questionar ou legitimar o conhecimento profissional posto em prática, podemos nos atualizar de certa forma, nas novas discussões que são produzidas em âmbito científico.

Esse enfoque baseia-se na reflexão deliberativa e na pesquisa-ação mediante as quais os professores elaboram suas próprias soluções em relação aos problemas práticos com que se deparam.

Nessa perspectiva da formação permanente do professor centrada na escola, a melhoria da prática profissional baseia-se, em última instância, na compreensão que os próprios professores têm de seus papéis e tarefas enquanto tais e não no que se requer a partir de um ponto de vista objetivo por um sistema impessoal (ELLIOTT, 1990, p. 245).

Em um contexto educativo específico, objetivou-se o despertar para o amadurecimento de leituras literárias e valorização de uma identidade cultural em formação.

Portanto, para que houvesse um trabalho pedagógico que se aproximasse ao máximo do aluno, foi importante que o educador despertasse nos alunos os conhecimentos essenciais para trabalhar os textos e garantir a aprendizagem. O trabalho do professor foi estrategicamente baseado na construção do conhecimento do aluno, também.

De acordo com Vygotsky (1992), o desenvolvimento humano ocorre pela apropriação da atividade mental presente nos mediadores culturais, não é compreendido como resultado de causas isoladas que refletem, nem de condições do ambiente que operam sobre sua constituição dominando sua conduta, mas sim, um produto de trocas mútuas, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro.

Na sala de aula, as pessoas interagem entre si e com o professor que atua de forma explícita, contribuindo com o desenvolvimento do aluno, provocando avanços que poderiam não ocorrer espontaneamente. Escola e professor são indispensáveis no processo ensino/aprendizagem. No formato on-line, isso se deu de maneira bastante satisfatória.

Os domínios de competências nos mostram ações importantes que o professor precisa incorporar em sua formação. Percebemos, nesse contexto, que o profissional é o gestor de sua própria formação. É ele que deve buscar novas propostas de trabalho, de aperfeiçoamento e liderança. Importa, em seu trabalho, diversificar os caminhos de sua formação, desenvolver ciclos de aprendizagem, promover avaliações formativas, possibilitar atividade em equipe, bem como se responsabilizar pelos alunos, e, essencialmente, educar para a cidadania (PERRENOUD, 2000, p. 14).

O lúdico, a brincadeira, os jogos educativos podem ser instrumentos valiosos para propiciar ao aluno uma abordagem mais agradável na busca de superações, na melhoria do rendimento escolar e no desenvolvimento da abstração, da criatividade e imaginação, destacando o fator de desenvolvimento da autoestima e do bom equilíbrio emocional e de sociabilidade. Os resultados obtidos, ao finalizarmos as ações desenvolvidas no presente curso, foram diversos, percebemos uma desenvoltura prática nas competências em leitura e escrita, bem como o desenvolvimento da oralidade dos estudantes.

Portanto, cabe ao educador e equipe pedagógica apresentarem intervenções criativas, com situações desafiadoras que provoquem o interesse pela aprendizagem, oportunizando o desenvolvimento da autonomia e independência do aluno, estimulando-o na resolução de problemas e fortalecendo-o para lidar com possíveis frustrações.

Ao final do processo metodológico, percebeu-se que os estudantes se sentiam mais fortalecidos e encorajados para ler e discorrer sobre o que foi entendido da temática dos livros lidos bem como, a realização com êxito das discussões acerca das principais abordagens que foram amplamente salientadas durante o desenvolvimento do curso de extensão.

Referências

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

ELIAS, N. Cómo pueden las utopias científicas y literárias influir en el futuro? In: WEILER, V. (org.) **Figuraciones en proceso**. Trad. Vera Weiler et. al. Santafé de Bogotá: Fundación Social, 1998.

ELLIOTT, J. **La investigación-acción en educación**. Madrid: Ediciones Morata, 1990.

SANTINI, J. A formação da Literatura Brasileira e o regionalismo. **Revista de Literatura Brasileira**, Vol. 20, N. 1, p. 69-85, jan.-jun. 2011.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: PRIORE, M. Del (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, (2001).

SPEAR-SWERLING, L. STERNBERG, R. J. (1996). **Off track**: When poor readers become “learning disabled”. Oxford: Westview Press.

PERRENOUD, Ph. (2000). **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre, Artmed Editora.

VICENTINI, A. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Revista Sociedade e Cultura**, Vol. 10, N. 2, p. 187-196, jul.-dez. 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CAPÍTULO VI

A REPRESENTATIVIDADE DA VOZ SOCIAL FEMININA NA LITERATURA TOCANTINENSE¹

Luciana Cândida Martins Ribeiro²

Rubens Martins da Silva³

Considerações iniciais

A representatividade de voz remete ao modo como algo é ouvido, levado a sério, ignorado ou silenciado com aspereza. Nesse viés, o contexto histórico, cultural e social da voz feminina é objeto de estudo em razão de suas diferentes tentativas de silenciamento. Nesse sentido, o estudo desse fenômeno, a partir de obras literárias, é singular porque nos dá a possibilidade de analisar a representatividade feminina refletida em narrativas românticas, contistas, ou ainda em textos poéticos. Para esse movimento, a presente investigação concentrou-se na análise de obras literárias tocantineses.

O objetivo geral deste trabalho resultou de uma pesquisa que buscou analisar, como é retratado em uma obra literária tocantinese, o espaço de representatividade da voz da mulher no contexto social. Para tanto, os objetivos específicos buscaram explicar como as obras literárias refletem o espaço de representatividade da voz da mulher no contexto social; analisar as condicionalidades sociais do espaço de voz social da mulher em situações de vivências familiares, profissionais e acadêmicas; diferenciar entre as obras literárias em estudo como as mulheres são representadas na visão de cada autor.

O empirismo social revela que o espaço de representatividade da voz feminina é cercado por imensas barreiras, preconceitos e discriminações, mesmo diante de várias conquistas ao longo dos anos. Nesse foco, e segundo aponta Vieira (2005, p. 217), a respeito dos espaços profissionais, por exemplo, “cabe às mulheres o espaço periférico enquanto aos homens tocam os espaços mais centrais, as zonas industriais e as áreas comerciais”. Essa barreira sugere que o espaço profissional a ser ocupado pelas mulheres enfrenta diferentes tipos de empecilhos. Frente ao exposto, a questão-problema que levantamos buscou responder a seguinte indagação: de que modo o espaço de

1 Este capítulo congrega resultados da pesquisa de graduação executada pela acadêmica Luciana Cândida Martins Ribeiro, quando da conclusão de seu TCC pelo curso de Serviço Social da Unitins, a qual foi orientada pelo professor Dr. Rubens Martins da Silva.

2 E-mail: cmribeioluciana@gmail.com

3 E-mail: rubens.ms@unitins.br

representatividade da voz feminina é refletido na obra *A vida é a margem* (2006), de Josué Luz?

No contexto de que a investigação científica contribui para a expansão dos estudos acadêmicos e dos espaços sociais, nossa discussão sobre o espaço de representatividade social da mulher assume lugar de grande relevância para os estudos da área do Serviço Social. Nesse sentido, a pesquisa executada ancorou-se na justificativa de continuidade de estudo de uma temática iniciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), bem como pela necessidade de aprofundamento crítico do referido tema. De modo geral, a investigação correspondeu, também, a uma realização pessoal em razão dos objetivos de uma pesquisadora que almeja o reconhecimento de sua voz, não o silenciamento. Além disso, esta pesquisa foi importante porque seu foco dá oportunidade de divulgação das obras literárias tocantineses.

A percepção sobre o espaço de representatividade da voz feminina frente ao mercado de trabalho, por exemplo, é um fator imprescindível em razão dos desníveis salariais entre homens e mulheres. Outro ponto que merece atenção diz respeito ao tratamento dado às mulheres nos espaços familiares e sociais.

A investigação que realizamos alinhou-se nos fundamentos da pesquisa qualitativa (SEVERINO, 2007; FLICK, 2009), pois ela é um mecanismo que permite ao investigador a percepção dos indicadores contidos discursivamente em seu objeto de estudo. Além disso, é uma pesquisa de fundamental importância porque dá condições de percepção de fenômenos que levarão o pesquisador à interpretação dos efeitos discursivos de sua incursão investigativa.

O foco qualitativo foi adotado como instrumento de análise do lugar de representatividade da voz feminina em razão de sua potencialidade à percepção dos efeitos do não-dito na materialidade investigada. Nesse sentido, seguimos a vertente interpretativa dos estudos da Análise de Discurso (AD) da corrente francesa de Michel Pêcheux (2015), a qual foi difundida no Brasil pela professora Eni Orlandi (2015).

Delimitamos nossa investigação na materialidade documental de uma obra literária tocantinese, o que dispensou a participação de seres humanos, bem como a anuência do Comitê de Ética e Pesquisa.

Nosso percurso metodológico seguiu o viés da Análise do Discurso (AD) (PÊCHEUX; ORLANDI, 2015) e tomou como base o efeito da interpretação, uma vez que este corresponde a um mecanismo que explora as diferentes manifestações e funcionamento da linguagem. Para tanto, mobilizamos o registro de trechos da obra selecionada no formato de Sequências Discursivas Escritas (SDE) para, a partir deles, registrarmos nossa interpretação, ou seja, nosso posicionamento discursivo sobre determinadas enunciações.

O aprofundamento de nossa discussão seguiu os fundamentos da Análise de Discurso (AD), a qual mobiliza o jogo da interpretação e ancorou-se nas concepções teóricas de Pêcheux (2015) e Orlandi (2015), uma vez que elas dão lugar à percepção do lugar social, bem como do espaço de enfrentamento da violência pela própria força feminina.

Singularmente, este texto, originado de um trabalho monográfico, defendido no curso de Serviço Social da Unitins em Palmas - TO, está fundamentado na problematização de que os es-

paços de representatividade da voz social feminina podem ser reconhecidos quando os efeitos do enfrentamento das tentativas de silenciamento são superados a partir de determinados mecanismos. Diante disso, este trabalho é também um convite à leitura de obras literárias, em especial as produzidas no Tocantins, pois, a partir delas é possível a realização de investigações científicas que potencializam a valorização da voz feminina em condições históricas, culturais e sociais.

Sobre o espaço de voz da mulher na contemporaneidade

Especificamente, este tópico aborda reflexões sobre o espaço que a mulher tem alcançado na contemporaneidade. Sobre isso, contextualizamos nossas inferências discutindo a conquista que as mulheres obtiveram com o direito ao voto instituído pelo Código Eleitoral de 1932.

Na trajetória histórica, entre os anos de 1932 e 1965, as mulheres não tinham direitos políticos semelhantes aos dos homens, pois as Constituições e leis vigentes não davam direitos às mulheres. Por isso, elas viviam em total silenciamento, às margens da sociedade patriarcal.

O exercício do voto era obrigatório somente para os homens, mas os voluntários e mulheres desempregadas eram excluídos desse direito. Isso indicava que “a voluntariedade era uma forma disfarçada de deixar a decisão nas mãos do chefe da família, isto é, de não garantir às mulheres o direito de votar, caso seus maridos não autorizassem sua participação na vida política” (LIMONGI; OLIVEIRA; SCHMITT, 2018, p. 9). Em outras palavras, a Constituição contribuía para que as decisões fossem tomadas somente pelos homens, deixando as mulheres, sem nome, sem voz, como se não existissem para a sociedade.

Através do Código Eleitoral, houve mudanças para as mulheres em relação ao direito de votar, porém condicionada à vontade de seus maridos. Afinal, o avanço que aconteceu não foi tão benéfico para as mulheres porque, “[...] o exercício do direito à participação política feminina permaneceu nas mãos dos maridos” (LIMONGI; OLIVEIRA; SCHMITT, 2018, p. 4). Ou seja, apesar de as mulheres terem obtido o direito de votar, esse direito estava condicionado aos maridos, por serem considerados autoridade no seio familiar e o Estado não poderia se opor a essa ordem.

Segundo apontam Limongi, Oliveira e Schmitt (2018), até a publicação da Constituição de 1824, em seu artigo 24, era negado o direito ao voto às pessoas que não possuíam renda anual acima de duzentos mil reis, aos libertos e infratores declarados, mas as mulheres sequer eram citadas.

Conforme Campoi (2012), o momento decisivo pela conquista do voto veio através do movimento feminino brasileiro sufragistas⁴ que fundou a Federação pelo Progresso Feminino em 1922 liderado por Bertha Lutz. A conjuntura da República Velha naqueles anos era muito difícil em razão do surgimento da classe operária que iniciava suas manifestações. Do mesmo modo, a classe média exige mais participação política e a classe feminina reivindicava o direito de votar e de ser votada.

⁴ O movimento sufragista brasileiro teve início em meados de 1910, tendo seu marco quando Leolinda Daltro fundou o Partido Republicano Feminino, o primeiro partido composto somente por mulheres. O objetivo central do partido era reavivar a discussão do voto feminino dentro do Congresso Nacional, onde, há muitos anos, havia se estagnado (MENUSI, 2018, p. 9).

Ainda conforme Campoi (2012), a luta das organizações de mulheres no final do século XIX era pelo direito à educação e ao voto. A respeito deste último, a primeira expressão ocorreu a partir das atitudes políticas da defensora abolicionista, republicana e feminista Nísia Floresta do Rio Grande do Norte. Foi nesse estado, no ano de 1928, que a primeira mulher se elegeu a um mandato político. Isso aconteceu na cidade de Lajes, com a eleição da prefeita Alzira Soriano, mas as forças políticas contrárias conseguiram, na justiça, interromper o seu mandato mediante a declaração de anulação dos votos de todas as mulheres através da Comissão de Poderes do Senado.

A mulher lutou não somente contra uma condição subordinada ao marido relacionada ao direito de votar, mas também pelo direito de se eleger, e por fim, contra uma condição limitadora, que a obrigava a cumprir uma missão doméstica e moral que foi imposta como uma missão.

Sobre essa missão imposta, os autores (Limongi; Oliveira; Schmitt, 2018, p. 2), transcreveram, podemos afirmar, que:

Mantida a capacidade eleitoral da mulher, deveria, entretanto, sofrer certas restrições, como aquelas constantes do anteprojeto do Código de 1932, atendendo a que, — como acentuou na Constituinte de 1891 o deputado Pedro Américo — ‘a missão da mulher é mais doméstica que publica, mais moral do que política’.

De modo geral, as inferências que apresentamos sobre o direito ao voto indicam que a mulher adquiriu espaços emancipatórios ao participar de decisões sociais, as quais configuram espaços da hegemonia feminina em diferentes contextos sociais e profissionais.

Com o fim da República Velha, declarado por Getúlio Vargas, criou-se um sistema para que as mulheres tivessem o direito de votar. A outorga do direito ao voto ainda ficou restrita ao tempo, pois sua efetividade só aconteceu, ou seja, só atingiu fator obrigatório a partir de 1946, 14 anos mais tarde. Porém, essa obrigatoriedade ainda acontecia de forma discriminatória, como uma aparência de verdade porque a igualdade de direitos entre os sexos não existia. Sobre essas ressalvas, podemos afirmar que:

[...] a Constituição de 1946 estabelece em seu Artigo 135, “o alistamento e o voto são obrigatórios para os brasileiros de ambos os sexos, salvo as exceções previstas em lei”. A ressalva final é crucial, pois ali se abria a brecha para que a lei ordinária negasse a igualdade proclamada com pompa pela Carta Maior. De fato, a lei que regulamentou a eleição para a Constituinte (Lei Agamenon), como também o Código de 1950, estabeleceram que “as mulheres que não exerçam profissão lucrativa” não precisam se alistar (LIMONGI; OLIVEIRA; SCHMITT, 2018, p. 2).

Verifica-se que, mesmo o direito ao voto tendo sido promulgado para ambos os sexos, a mulher continuava limitada a esse direito, pois a decisão partia de seu marido.

Dado o exposto, as mulheres ganham espaço pela busca de nova identidade, mesmo diante de vários discursos que tentaram moldá-la somente à condição de mãe e esposa, o sexo feminino lutou para romper esse paradigma mostrando sua importância através de vários movimentos que lutavam pela garantia de direitos. As mulheres buscavam uma nova identidade para além

do reconhecimento e respeito no seio familiar, mas pela defesa de forma geral de suas potencialidades, dentro e fora de casa. Elas buscavam não somente aquisição de direitos na esfera política, mas poder através de conhecimentos, maior atuação nas questões que envolvessem a área social.

Os diferentes modos do espaço de voz da mulher na literatura

A incursão teórica que constitui este terceiro tópico está assentada em concepções que analisam os diferentes modos como a mulher é representada em diferentes obras literárias. Além disso, observamos também os espaços que as mulheres ocupam na literatura. Isso significa que buscamos esclarecer que a mulher, apesar de ser tomada como “objeto” das narrativas literárias, é também uma voz que se levanta para a conquista de seus espaços mediante a sua própria produção literária.

As vozes de Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo* (1960), expressam que as mulheres devem lutar pelo que acreditam apesar das dificuldades enfrentadas diariamente. Na condição de favelada, sua motivação para a escrita poderia ser esquecida em razão de suas lutas. Como acreditava no poder da palavra, cada noite era tomada como uma oportunidade de escrita. Foi, portanto, a partir disso que ela conseguiu atingir espaços de reconhecimento social.

Através da análise de Dalcastagnè (2007), constata-se que os romances publicados pelas principais editoras no Brasil, tanto por escritores femininos quanto masculinos, entre os anos de 1990 e 2004, tratam de personagens femininas, classe média, brancas, mães, esposas, dona de casa, subsistindo na condição de afazeres domésticos. Nota-se que o avanço da condição feminina evoluiu mais na sociedade do que na literatura. E através da análise aprofundada de Dalcastagnè sobre um conjunto superior a 150 personagens femininos, a mulher é representada nos romances contemporâneos brasileiros referindo-se à estrutura física, sensualidade ou como progenitora.

Segundo aponta Dalcastagnè (2007, p. 227), “o corpo feminino é um território em permanente disputa. [...] múltiplos discursos – vindos dos universos médico, legal, psicológico [...] – que não apenas dizem desse corpo, mas que também o constituem, uma vez que normatizam padrões [...]”. A indagação é que esses ambientes são apropriados majoritariamente pela classe masculina, a qual gera uma perspectiva singular própria dela. Dessa perspectiva surgem os problemas, porque por mais que alguns homens sejam conscientes e prestativos em relação aos problemas enfrentados pelas mulheres, outros nem sempre serão, e também homens não vivem as mesmas situações e experiências que as mulheres.

Sobre a representatividade feminina na obra *O Guarani*, de José de Alencar, observa-se que:

Em *O Guarani* a idealização feminina é representada por Cecília, moça pura e ingênua que desperta em três corações as mais distintas formas de amor e desejo, além de possuir um comportamento visto como adequado para uma jovem moral e socialmente correta (NASCIMENTO, OZELANE e NAGARO, 2016, p. 36).

A mulher era representada como uma figura mitológica, angelical, aspecto que predominava no período romancista (NASCIMENTO, OZELANE e NAGARO, 2016). Nesse sentido, foi

a partir do período romancista que a mulher passou a ser mais atuante no que tange às participações da esfera social, porém sempre demonstrando situações de inferioridade feminina em relação ao masculino.

Ainda sobre as mudanças no olhar feminino nas obras literárias a partir do Romantismo, destaca-se que:

No contexto do Romantismo, com a consolidação de uma classe burguesa que se instruíra, mais mulheres passaram a ter acesso às “novidades” da época, inclusive na arte e na cultura. O acesso às obras do Romantismo fomentou em algumas mulheres o desejo de escrever também naqueles moldes, porém, de um ponto de vista próprio, ainda que não rompesse com as convenções sociais da época. Para isso, as escritoras enfrentaram as barreiras do preconceito e do cânone, ficando relegadas a uma ou outra citação, quando muito, em listas de poetas e ficcionistas do século XIX (BARROS, 2014, p. 18).

Segundo Barros (2014), percebe-se que a mulher começa a manifestar interesse em ocupar seu lugar de representatividade social. Foi, portanto, nesse período que surgiram as pioneiras do movimento feminista como Nísia Floresta, a potiguar que virou uma das escritoras mais importantes da época. Por criticar a historicidade literária, ela adotava um perfil profundamente crítico relacionado à mulher e à condição indígena.

Inicia-se a partir da crítica feminista um novo conceito ideológico e tradicional na obra literária brasileira.

A crítica literária feminista irrompe neste contexto justamente com o intento inicial de desestabilizar o conceito de representação (ideológica e tradicional) da mulher dentro da literatura até então produzida. A crítica literária feminista passa a agir no sentido de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não fora capaz de evidenciar, descortinando a história tradicional e sexista da representação das mulheres no terreno literário de autoria masculina e assim permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem imersas no campo literário - portanto, que fossem legitimadas (ROSSINI, 2014, p. 296).

A crítica feminista não somente evidencia um olhar centrado em perspectiva própria, como legitima a imersão do público feminino como leitoras e como escritoras. Isso possibilitou, de certo modo, o lugar de voz da mulher como elemento de representatividade de sua potencialidade literária.

Conforme Barros (2014), mediante recentes pesquisas universitárias no Brasil, outra autora significativa que rompeu com o conservadorismo patriarcal foi Maria Firmina dos Reis. A partir da publicação de seu romance denominado *Úrsula*, ela revelou a desorganização e a punição praticada pelo senhorio dos donos de terras ao impedirem a plenitude da vida. A partir de então, esses passaram a ser vistos como maus e detestáveis na literatura.

Ainda na visão de Barros (2014), também existiam as poetas e prosadoras romancistas que usaram de sua voz feminina para mencionar seu espaço ocupado na sociedade, no lar, cuidando

de sua família, bem como na iniciativa de reconhecimento de sua expressividade literária.

Percursos Metodológicos da Pesquisa

A escrita científica apresenta elementos que a normatizam como tal. Uma de suas principais nuances diz respeito à materialidade metodológica, pois o percurso do pesquisador deve concentrar-se em elementos específicos.

A delimitação da abordagem e do objeto de pesquisa formam o *corpus* do percurso realizado. Nesse sentido, este capítulo está organizado em três tópicos: a) O primeiro apresenta as definições da base qualitativa (SEVERINO, 2007; FLICK, 2009) de nossa incursão investigativa; b) O segundo contempla a especificação do objeto/*corpus* que mobilizamos em nossa pesquisa, ou seja, a escolha de três obras literárias tocantinas; c) O terceiro apresenta os fundamentos da Análise de Discurso (AD) e as categorias utilizadas em nossas discursividades (PÊCHEUX, 2015; ORLANDI, 2015).

Definição da base metodológica da pesquisa

A investigação que realizamos alinhou-se aos fundamentos da pesquisa de análise documental, de cunho qualitativo (SEVERINO, 2007; FLICK, 2009), pois ela é um mecanismo que permite ao investigador a percepção dos indicadores contidos discursivamente em seu objeto de estudo. Além disso, a pesquisa qualitativa é de fundamental importância porque dá condições de percepção de fenômenos que levarão o pesquisador à interpretação dos efeitos discursivos de sua incursão investigativa.

A pesquisa que realizamos concentrou-se na exploração de bases bibliográficas, artigos científicos, revistas acadêmicas, sites, vídeos e palestras relacionados ao silenciamento e representatividade feminina. Conforme afirmam Sousa *et al.* (2021), a base bibliográfica é o primeiro passo para a realização de qualquer pesquisa científica, pois fundamenta e elabora a atualização do conhecimento científico trazendo novas perspectivas e questionamentos, resultando em desfechos atuais.

No contexto da abordagem qualitativa de Flick (2009), o objeto é explorado de modo qualitativo quando sua exploração possibilita o alcance de informações que culminam na interpretação de seus efeitos ao investigador, bem como ao macrocampo em que ele está inserido. Nesse caso, as obras literárias definidas no segundo tópico deste capítulo estão alinhadas aos pressupostos apontados porque elas possibilitam a identificação dos espaços das vozes femininas em seus enredos.

Segundo aponta Flick (2009, p. 20), a investigação qualitativa é importante porque apresenta “relevância ao estudo das relações sociais e à pluralização das esferas da vida”. Isso significa que fizemos um percurso analítico, no terceiro capítulo, que conseguiu interpretar, à luz da AD, os diferentes espaços da voz feminina.

Nesse sentido, o foco qualitativo foi adotado como instrumento de análise do lugar de re-

presentatividade da voz feminina em razão de sua potencialidade à percepção dos efeitos do não-dito na materialidade investigada.

Categorização do objeto/corpus da pesquisa

Os resultados de uma pesquisa estão atrelados à definição e escolha do objeto a ser investigado. Nesse sentido, e conforme apresentamos na parte introdutória deste capítulo, o objetivo geral de nossa investigação convergiu para o contexto de analisar como é retratado em obras literárias tocantineses o espaço de representatividade da voz feminina. Assim, mobilizamos a seguinte questão-problema: de que modo o espaço de representatividade da voz feminina é refletido na obra *A vida é a margem* (2006), de Josué Luz?

A obra “*A vida é a margem*”, de Josué Luz (2006), está estruturada em sete capítulos. A narrativa acontece na cidade de Buriti, sertão do Tocantins. Nela é retratada a história de seu Sá, um idoso de setenta e dois anos, marido de Dona Tonha, pai de Anita, Zezinho e Francisca. Seu Sá era um homem sofrido que lutou contra os posseiros do Coronel, um homem rico que mandava na cidade e que queria as terras de seu Sá a todo custo. Em cada capítulo são narrados conflitos sociais relacionados a aspectos de dominação, violência, vingança, discriminação, mortes, entre outros. No contexto de nossa investigação, a obra potencializa o estudo das seguintes palavras-chave: Confronto; Vingança; Dominação; Violência; Discriminação.

Definição dos fundamentos e das categorias de análise, segundo a AD

A Análise de Discurso (AD), segundo Pêcheux (2015) e Orlandi (2015), é uma base de extrema relevância para a percepção das discursividades proferidas por sujeitos em diferentes situações. No contexto da voz feminina, a AD potencializa a percepção de seu lugar de fala em razão das discursividades que sugerem a interpretação do não-dito a partir do já-dito⁵. Especificamente, e seguindo as concepções de Pêcheux e Orlandi (2015), o discurso da voz feminina foi analisado sob o viés do não-dito em razão da configuração discursiva que ela assume apesar de não estar verbalizada, mas por assumir concepções de falas mantidas em entrelinhas e por aguçar reflexões ideológicas fundamentais aos objetivos da mulher.

Seguindo os pressupostos da AD, a análise realizada teve sua incursão aprofundada no discurso do “não-dito”, o qual está categorizado em quatro modos, a saber: (i) “o não-dito quando não se diz”; (ii) “o não-dito, dito”; (iii) “o dito não-dito”; (iv) “o que não se pode dizer e, entretanto, sempre se diz”. O contexto desses quatro modos sugere a percepção de que a mulher atravessa diferentes desafios em suas manifestações de voz. Por isso, o nosso objeto de estudo é o próprio discurso, pois é dele que nos servimos para interpretarmos as tentativas de silenciamento da voz feminina.

Na perspectiva da AD, o objeto de nossa investigação foi discursivizado em relação ao não-lugar da voz feminina, ou seja, às questões que deram possibilidade de compreensão dos aspectos

5 Optamos pela grafia dos termos “não-dito” e “já-dito” com o uso de hífen em razão de registro nas obras publicadas antes da vigência oficial do Novo Acordo Ortográfico, em janeiro de 2016.

tos responsáveis pelas diversas tentativas de silenciamento. É, portanto, a partir do discurso que compreendemos o funcionamento da ideologia, dos efeitos de sentido, a memória discursiva, a posição-sujeito, as condições de produção de sentido (ORLANDI, 2015).

A percepção do lugar de voz feminina nas obras selecionadas para este trabalho é, além do cumprimento de um percurso investigativo, uma ação que congrega fundamentos sociais e de defesa da função social feminina. A respeito desse foco, é importante observar os apontamentos de Orlandi (2015, p. 34).

A análise discursiva consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária [...] visto que só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras (ORLANDI, 2015, p. 34).

Especificamente, a discussão que realizamos no terceiro capítulo ancorou-se no registro de Sequências Discursivas Escritas (SDE). Essas, por sua vez, indicam que fizemos recortes de trechos das obras investigadas como potencializar nossas análises/discussões. É fato que as SDE recortadas e discutidas não resumem as obras analisadas, mas potencializam diferentes modos de percepção do espaço que a voz feminina ocupa no espaço social e familiar.

À luz da AD, analisamos, segundo Pêcheux e Orlandi (2015), que a voz feminina sofreu tentativas de silenciamento em seu contexto histórico e literário. Isso apresenta relevância porque é uma temática de grande importância para o curso de Serviço Social. É também, um modo de observar o silenciamento oficial e literário da voz feminina. Vejamos, portanto, o movimento de análise que constituiu este trabalho.

A voz feminina na Literatura Tocantinense

Este tópico congrega nossa principal incursão analítica. Por isso, destacamos que sua tessitura decorreu dos percursos metodológicos abordados no segundo capítulo. De modo geral, as discursividades que o constituem estão alinhadas às bases investigativas que mencionamos no primeiro capítulo. Ressaltamos, portanto, que nossa problematização tomou como materialidade de análise da voz feminina a obra literária *A vida é a margem* (2006), de Josué Luz?

Conforme mencionamos anteriormente, nosso movimento de análise contempla recortes extraídos das obras acima epigrafadas, as quais estão categorizados em Sequências Discursivas Escritas (SDE). Mobilizamos essas sequências para problematizarmos os modos discursivos como a representatividade da voz feminina se manifesta literariamente.

A voz feminina em *A vida é a margem*, de Josué Luz

O autor estruturou a obra em sete capítulos. A narrativa retrata a história de seu Sá, um idoso de setenta e dois anos, marido de Dona Tonha, pai de Anita, Zezinho e Francisca. Seu Sá era um homem sofrido que lutou contra os posseiros do Coronel, um homem rico que mandava na

cidade e que queria as terras de seu Sá, supostamente por despeito ou vingança do seu Sá ou de Dona Tonha que teria rejeitado o coronel para ficar com o seu Sá. Em cada capítulo, conflitos sociais vão surgindo mediante dominação, violência, vingança, discriminação, mortes entre outros.

O registro da SDE-1 expõe recortes de diálogos em que o espaço de voz de uma mulher, em específico, da personagem Dona Tonha (Antônia), configura-se em silenciamento, exposto nos primeiros diálogos com seu esposo. Em seguida, interpretamos a voz social dessa personagem.

(SDE-1): Sobre a tentativa de ocupar um lugar de voz de Dona Tonha.

Tonha colocou as lascas de lenha embaixo do fogão, aproximou-se do marido.
– Fale o que aconteceu por lá... – insistiu a mulher. O velho fingiu não ouvir.
Certas coisas não se dizem” (LUZ, 2006, p. 20).

O enunciado “o velho fingiu não ouvir. Certas coisas não se dizem” mobiliza várias interpretações. Questiona-se: o fato de o velho fingir não ouvir e não dizer nada a Dona Tonha seria pelo fato de ele não confiar nela em razão de ela ser mulher. A análise se focou nesse viés conforme sequência do texto, porque ao receber a visita de seu amigo Belizar, eles começaram um diálogo justamente sobre os acontecimentos que sua mulher tinha feito. Assim sendo, notamos que a representatividade de voz social de Dona Tonha não aconteceu pela tentativa de comunicar com o marido simplesmente para saber do seu dia a dia e ter sido totalmente ignorada.

No registro da SDE-2, a tentativa de Dona Tonha em ocupar sua representatividade de voz, mas isso lhe é novamente negado.

(SDE-2): Mais uma tentativa de ocupar um lugar de voz de Dona Tonha.

Disseram que vão acabar com tudo se a gente não for embora. Seu Sá não dava importância no que ela falava, pensava ou sentia, no sertão a mulher tem duas funções: parir e servir o marido (LUZ, 2006, p. 24).

Detalhadamente, o texto indica que Dona Tonha buscou ocupar um lugar de voz na tentativa de alertar o esposo para uma situação de ameaça. No entanto, ele desconsiderou totalmente o alerta de sua esposa e a tentativa do espaço de voz de Dona Tonha foi novamente silenciada. Essa condição exposta no trecho, nega a abertura de condições de reflexões críticas, pressupondo a Dona Tonha somente as condições de servidão, restando a ela a função de “parir e servir ao marido”.

Com isso, sugerem a percepção de que a tentativa da mulher em convencer o marido, insistindo em ser ouvida, tentando um diálogo na busca desesperada de lutar pela sua vida e de sua família representou apenas o efeito de sua iniciativa. Isso ocorre porque a narrativa dá conta de que as mazelas vividas seriam minimizadas se as mulheres fossem ouvidas.

Na SDE-3, abaixo, os questionamentos ora apresentados mencionam que o espaço de voz social de Dona Tonha alcançou os efeitos de silenciamento mais profundo. De certo modo, e diante da sociedade contemporânea, o alerta da voz feminina deve ser observado como elemento que possibilita a percepção crítica de situações vividas em momentos considerados assustadores. Vejamos, na SDE-9, o modo como Dona Tonha falou ao marido, o velho Sá, a respeito de sua pers-

pectiva de sobrevivência.

(SDE-3): Sobre o silenciamento total de Dona Tonha.

Não vê, Sá! Nós vamos morrer... Foram as últimas palavras da mulher, desfazendo a mesa. – Nem que morra... É até melhor que morra, resmungou o velho (LUZ, 2006, p. 25, grifo nosso).

Dona Tonha demonstra um grau elevado de desespero ao dizer que ambos estavam passando por momentos complicados. A menção ao enunciado “nós vamos morrer” denota visão de alerta que seu marido não conseguia perceber; no entanto, o fato de não ser ouvido a motivou ao silenciamento total.

No trecho “é até melhor que morra”, há elementos que apontam para diferentes modos interpretativos. A respeito disso, questiona-se, por exemplo, se a resposta de Sá denota um desprezo pela vida, pela sua família ou apenas pela vida de sua mulher.

O alerta negado a Dona Tonha de ocupar um espaço de representatividade resultou na morte cruel dela e sua filha caçula, que são brutalmente assassinadas. O motivo da morte poderia ter sido por vingança, rejeição, superioridade financeira, disputas por terras, mas o autor da obra deixou a cargo do leitor essa decisão: “o velho resmungava para não chorar. Era quase um canto à dor do sertanejo ao encontrar a filha e a mulher mortas. Entre as brasas, destroços do casebre, a filha menor e a mãe, carbonizadas” (LUZ, 2006, p. 58).

Dado o exposto, a análise discursiva desta personagem retrata que a falta de liberdade feminina resultou no definitivo silenciamento de uma mulher que teve seus direitos de voz negados em toda a narrativa. Na contemporaneidade, a mulher enfrenta condições semelhantes, pois muitas delas são vítimas de homens que se acham no direito de decidirem pela vida das mulheres, ou simplesmente porque se acham mais fortes, importantes, superiores financeiramente, inteligentes, ou ao contrário, por se sentirem inferiores, rejeitados.

A segunda personagem é marcada pelo discurso de uma mulher sem nome. Isso ocorre porque ela é chamada, apenas, de “a esposa do Belizar”. A partir dessa nomeação ocorre a indicação de subjugação, pois o nome do marido aparece como efeito de dominação. Isso significa que as suas ações, ou seja, suas tentativas de voz ficaram silenciadas em sua subjetividade. Afinal, as decisões de seu esposo eram tomadas sem levar em consideração o que ela dizia ou não.

Na linha das análises apresentadas sobre a personagem “Dona Maria”, recortamos alguns excertos da obra em questão e os agrupamos na SDE-4 para tecermos nossas interpretações a respeito da personagem “a esposa de Belizar ou Dona Maria”.

(SDE-4): O silenciamento de Dona Maria, a esposa de Belizar.

Belizar reacendeu o cigarro, sentou-se no tamborete perto da porta, sem dar atenção à esposa que abanava o fogo para fazer um chá (LUZ, 2006, p. 59).

No enunciado, “sem dar atenção à esposa” ocorre a percepção da posição de um sujeito que não valorizava e nem se importava com a voz feminina, mesmo diante dos atos diários mais simples. Contudo, a representatividade de voz que a esposa de Belizar ocupava era, de certo modo,

menosprezada apesar de sua presença, no entanto, ela não deixava de realizar seus afazeres, bem como preparar o alimento da família.

A personagem “Nega” é mencionada na obra como a cozinheira do coronel. Esta não tinha horário definido de trabalho, pois seu patrão exigia que ela trabalhasse exageradamente. Nesse sentido, a SDE-5 faz referência à personagem “Nega” diante de suas múltiplas funções, mesmo com sua idade avançada.

(SDE-5): Sobre a condição serviçal da personagem Nega.

Nega, a serviçal, tinha sessenta e três anos. Assegurava a vida e a sorte do coronel. Sempre de branco, lenço na cabeça cobrindo os seus cabelos brancos, vaidosa, misteriosa e de pouca fala” (LUZ, 2006, p. 53).

O nome “Nega” é citado na narrativa demarcando um apelido dado pelo coronel. A não menção ao nome verdadeiro dessa personagem gera diferentes modos de criticidade. O que seria um nome próprio? Na categoria de um substantivo, esse termo assume a função de uma adjetivação com a configuração de comportamento racista. Na página que antecede a ordem dada a Nega, o horário que acontece a história é mencionado como sendo de madrugada. Luz (2006, p. 51) destaca que “o coronel abriu os olhos pesados e lentos de tanto sono”. Nisso, percebe-se a situação de que “Nega” era de estar sempre disposta ao trabalho, independente do horário. Em outros termos, ocorre o estado de submissão da mulher, pois ela não tinha nem a liberdade para dormir com tranquilidade.

Destacamos, na SDE-5, o adjetivo “vaidosa” porque reflete o olhar cultural referente à representatividade feminina, o qual condiciona e direciona a mulher à preocupação voltada para a beleza exterior, através de aparência física para demonstração de sexualidade que atrai olhares e desejos masculinos, como se as mulheres com seres superficiais.

O termo “de pouca fala”, chama atenção porque aparentemente poderia ser uma percepção de “Nega” em relação às suas falas, assim como as falas de Dona Antônia mencionadas na análise anterior. Ela percebeu que não adiantava sequer expor suas falas porque já havia percebido que não tinham nenhum valor, pois elas eram consideradas insignificantes e desnecessárias pelo simples fato de ser uma mulher serviçal e negra. Suponhamos que o perfil dado a ela na narrativa seria uma opção imposta que os próprios homens a obrigaram a ocupar. Conclui-se que o espaço ocupado por “Nega” corrobora que todos os questionamentos e decisões próprias foram silenciados.

Sobre a pressa em atender a ordem e o adjetivo pejorativo ao questionar a desatenção, encontramos o seguinte diálogo: conforme Luz (2006, p 65, grifo nosso) “- Nega, não tem água nessa merda? Ela **apressou-se e colocou água no pote**. O que diabo tu tens que “anda” **doida?** ”.

A pressa com que ela atendeu a ordem atribuída poderia ser pelo medo de sofrer uma agressão física caso demorasse em obedecer ao coronel. Vale ressaltar que o desrespeito e indignação do coronel por não haver água no pote, poderia referir-se também à incompetência da mulher em executar tarefas consideradas simples, como colocar água no pote, mas que nem isso as mulheres conseguem fazer direito, outro estereótipo cruel dado às mulheres por não considerar as

multitarefa condicionadas a elas como: cuidar de casa, marido, filhos e ainda trabalharem fora. O adjetivo “doida”, atribuído à Nega, revela o discurso de uma violência psicológica, pois é um termo pejorativo que desrespeita, maltrata e inferioriza pessoas. É também uma situação humilhante que exemplifica uma triste realidade vivida por mulheres no mundo inteiro.

De certo modo, a personagem Nega teve seu espaço silenciado, não somente por ser mulher, mas também porque é o reflexo da representatividade social feminina configurada pela identidade da mulher negra no Brasil. Tem-se, ainda, a concepção de que a mulher deve continuar sob o regime escravista, o qual estereotipa as mulheres e a população negra em geral, pois se mantém acesa a convicção de que o negro é uma pessoa perigosa ou suspeita, disponível para trabalhos pesados e desqualificados, recompensados por salários ainda mais baixos que o dos brancos, sujeitos a linguagens agressivas e de descasos. Desta maneira, a mulher negra caminha lutando contra a discriminação racial e de gênero.

Na condição de filha de Seu Sá e de Dona Tonha, a quarta personagem da narrativa de Luz (2006) recebeu o nome de Anita, uma menina de treze anos que teve sua infância roubada através de seu tio de terceiro grau, que a vendeu em troca de bens materiais ao coronel que conseqüentemente a estuprou gerando uma gravidez precoce. O contexto social dessa personagem é considerado assustador porque é apresentada em um cenário que silencia todo e qualquer espaço de voz.

Em nossa análise, essa mulher (ainda adolescente) foi uma das personagens que sofreu extrema violência. Esse contexto remete à compreensão de que desde cedo ela esteve sujeita a perdas, já que a mãe morreu carbonizada e o pai fora preso pelos capangas do coronel, deixando-a órfã. Sem seus pais, e sem qualquer proteção familiar, a menina não teve quem tomasse conta de sua guarda, até que um dos jagunços do coronel “resolveu” esse problema.

Na SDE-6, abaixo, identificamos a posição-sujeito do Coronel na prática de atitudes desconectadas da moral, da ética e da proteção aos direitos sociais, principalmente por se tratar de uma mulher/criança na fase da adolescência.

(SDE-6): A venda de Anita ao coronel

No dia seguinte, Pedrão amanheceu na casa do coronel. Anita, a filha do velho Sá, já deve ter uns treze ou quatorze anos, não tem mãe e tá lá em casa. Então pensei que o coronel bem que poderia se interessar por aquela moça. [...]. Nunca se deitou com um homem, é bonita, dá gosto, puxou a mãe. [...] Eu faço, pro senhor, por trinta vaquinhas. Tá feito, pode vir amanhã escolher as que você achar por bem (LUZ, 2006, p. 90 e 91).

A partir desses elementos grifados, verifica-se a má intenção de Pedrão em relação a Anita através de suas falas. O pistoleiro alega que a menina nunca se deitou com um homem e caracteriza a mesma como “bonita” e que “dá gosto”, revelando assim uma conotação sexual em seus dizeres.

Assim sendo, Anita, por ser uma adolescente, não pôde evitar que fosse vendida para o inimigo de seus pais, o coronel. Ninguém conseguiu tirar a ideia da cabeça dele, já que essa seria uma chance de se vingar da falecida Dona Tonha “Se não pude ter a mãe, agora posso ter a filha.

Fiz um bom negócio, isso é o que importa” (LUZ, 2006, p. 91). Dessa forma, atesta-se a posição cruel do coronel em tomar a Anita para satisfazer seus desejos em razão da rejeição sofrida.

A narrativa aponta a continuidade do sofrimento de Anita revelando o comportamento dos capangas do coronel. Em tons escrupulosos, a menina é tratada como objeto. Vejamos:

Pedrão rodou a menina, apontou para o traseiro. É boa ou não é? Olha a beleza dessa anca. O velho aprovou com um riso silencioso. [...] Pegou nas canelas e levantou as mãos até o joelho apalpando firme as pernas trêmulas. Com as pontas dos dedos acariciou suavemente os contornos da coxa (LUZ, 2006, p. 95).

No trecho “apontou para o traseiro”, o narrador revela o olhar criminoso do personagem Pedrão, capanga do coronel. Isso chamou nossa atenção em relação ao modo como ele se dirigiu a Anita, que foi tocada pelo coronel. A criança/adolescente sem condições de defesa de seus algozes demonstra sensação de medo e insegurança com suas “pernas trêmulas”.

O ato mais grave e cruel sofrido por Anita aconteceu através das atitudes de crueldade do próprio coronel ocasionando o silenciamento brutal de uma jovem mulher. No trecho “O velho fechou a porta, jogou-a em cima da cama. A menina atordoada, pasma, encarava aquilo como quem encara a morte... [...]. **A menina vulnerável, se perdia, se fragilizava**” (LUZ, 2006, p. 96, grifos nossos), constata-se a crueldade sofrida por Anita. De certo modo, ela não teve nenhuma possibilidade de fuga, ou seja, de fugir das mãos de seu algoz.

O abuso sofrido por Anita foi possível porque ela não obteve ajuda de nenhum dos outros homens como tentativa de se livrar da violência do coronel. Desse modo, é possível destacar a falta de proteção ou de condições de socorro da garota, já que ela estava em um estado de vulnerabilidade, transmitido por vertentes de crueldade, a brutalidade sofrida por Anita constrói a figura do “monstro” violentador, o coronel, provavelmente semelhantes aos crimes de feminicídios na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a tentativa de voz de Anita jamais seria ouvida porque os algozes do coronel jamais iriam socorrê-la.

Mesmo sem opção de fugir, ainda assim, Anita tentou ocupar um lugar de voz, porém em vão. Vejamos a SDE-7:

(SDE-7): O velho sempre mais rápido, mais dominador.

Agarrou-a como quem a abraçasse. Jogou-a na cama, no mesmo impulso pulou em cima. Anita reagiu, chorou, gritou. **Até render-se à força de coronel** (LUZ, 2006, p. 97, grifos nossos).

No trecho “Anita reagiu, chorou, gritou. Até render-se à força de coronel”, as tentativas de pedido de socorro indicam a voz de uma menina mulher semelhante ao de tantas mulheres adultas subjugadas a condições de abuso sexual. Nos grifos, está implícito que Anita sofreu um abuso pelo não consentimento às iniciativas do Coronel.

A forma bruta que o coronel usou contra Anita demonstra a prática do abuso sexual, que resultou em uma gravidez precoce. Em caso de denúncia, tal situação proporciona uma maior punição para o agressor, uma vez que a pena é aumentada quando um abuso resulta em gravidez.

Anita foi mais um caso invisível e injustiçado em nossa sociedade.

Na condição de uma mulher subjugada ao desafio de silenciamento, a quinta personagem que apresentamos é Eleusa. Apesar de sua curta passagem, revelou a exagerada brutalidade machista. Ela é vista como uma das que a vivência tenha tentado silenciá-la de modo brusco. A obra destaca que ela era uma prostituta e que foi “roubada” violentamente de seu local social. Puxada pelos cabelos, ela foi escolhida para ser mulher de Grinaldo, que na condição de filho do Coronel fez uma maldosa ação para demonstrar a masculinidade exigida por seu pai. Quando Eleusa chegou à casa do Coronel foi discriminada pelos demais homens em razão de ser negra e prostituta. Logo passou a sofrer agressão física e verbal para, de certa “forma”, aprender a respeitar Grinaldo.

(SDE-8): O roubo de Grinaldo.

[...] Tô roubando uma puta. Apontou a arma, indicando a mulher. Eu não vou! [...] Grinaldo agarrou a mulher pelos cabelos, jogou-a sobre o cavalo e disparou, conforme pedira o pai, deixando o cabaré (LUZ, 2006, p. 79).

O trecho expõe o momento em que Grinaldo chega ao bordel, afronta a mulher e a leva consigo. Em um dado momento, Eleusa nega ir com ele; no entanto, ela foi ignorada e levada violentamente do prostíbulo, o que evidencia o silenciamento sofrido pela mulher. Dessa forma, ao ser obrigada a ir com Grinaldo, ela foi considerada uma pessoa sem direitos: “Grinaldo decidiu que não precisava lutar para convencer a mulher, ela não tinha mais querer” (LUZ, 2006, p. 80).

A brutalidade praticada por Grinaldo demonstra o machismo ao qual as mulheres estão sujeitas. A posição de Grinaldo, pressionado pelos estereótipos impostos pela população, adotou um comportamento machista a fim de provar sua masculinidade, o que o fez violentar uma mulher. Na SDE-9 abaixo, o registro denuncia a situação de menosprezo vivido pela personagem Eleusa.

(SDE-9): O menosprezo de Eleusa.

Pai! Nega! Tá aqui a mais bonita que encontrei. Mas **isso não é bonita! Isso é uma preta...** - rosnou o coronel. Preta é sua mãe! - gritou a nora, indignada com o insulto. (LUZ, 2006, p. 80, grifos nossos).

O trecho exhibe o descontentamento do Coronel ao conhecer a mulher que seu filho trouxe como esposa, caracterizando-a como preta e desprovida de beleza. Essa situação demonstra o cenário que as mulheres negras vivenciam, pois além de sofrerem com o preconceito de gênero, sofrem também com o racismo, ocasionando uma opressão ainda mais agressiva. Nota-se que os estigmas que o racismo e o machismo deixam são severos, haja vista que as mulheres negras são marginalizadas na sociedade em razão da sociedade patriarcal, que valoriza o homem branco.

Sob a perspectiva de não se submeter às afrontas de Grinaldo, a personagem Eleusa passa por vexames de intimidação psicológica. A respeito disso, o enredo contempla a seguinte violência: “- Grinaldo, você trouxe a mulher, muito bem. Agora desce e dê uma taca pra ela aprender a respeitar homem” (LUZ, 2006 p. 80, grifos nossos). A determinação de Eleusa possibilitou o não silenciamento de sua voz. Frente à afronta, ela decidiu resistir de modo a não se deixar vencer

facilmente. Vejamos o destaque da força de Eleusa na SDE-10.

(SDE-10): A determinação de Eleusa.

Sem que ninguém esperasse, nem mesmo Grinaldo, ela pulou do cavalo e empurrou a mão na orelha dele. [...] Grinaldo caiu na frente de todos (LUZ, 2006, p. 81).

Sem se deixar ser dominada, Eleusa não deu chances a Grinaldo, que ficou sem escolhas, a não ser aceitar a própria derrota. “Atordoado, no chão, Grinaldo não tinha força para reagir. A queda foi fatal. Perdeu a batalha. Humilhado, desmoralizado, gelou, se acovardou” (LUZ, 2006, p. 81).

Mesmo se impondo, Eleusa não foi levada a sério, pois nos momentos de sua narrativa, os homens presentes queriam vê-la apanhando. À vista disso, cabe reforçar novamente o silenciamento que as mulheres sofreram na obra de Josué Luz, o qual faz parte do pensamento patriarcal, que está enraizado no convívio social há séculos.

Considerações Finais

A representatividade da voz social feminina, além de ser um direito, é também uma busca por reconhecimento e ressarcimento de valores resultantes de discriminações praticadas historicamente. A voz, além de estar no corpo, também é corpo. E o reconhecimento da voz é o domínio do próprio corpo. Por esse motivo, quando uma mulher se expressa sobre sua vida e todas as situações que está inserida, é necessário que tenha liberdade nesse determinado espaço. Afinal, tudo isso é efeito da voz, que é mais do que uma representação do poder é uma necessidade humana de sobrevivência. A voz feminina tem lutado ao longo dos anos para ocupar seu espaço de direito para que sua representatividade possa equivaler a sua importância na área familiar, social e econômica.

Em específico, ao longo da história, a representatividade de voz feminina tem sido marcada por barreiras, preconceitos e discriminações. A respeito dos espaços profissionais, por exemplo, a busca de identidade de gênero igualitária mesmo diante da condição social imposta a mulher por meio de interioridade, desigualdade, discriminação, expressa através de costumes permeados ao longo da história, trazendo inúmeras consequências negativas à mulher, não apenas no ambiente familiar, mas também na área profissional e políticas, as mulheres foram atrás de seus direitos e receberam reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000, através de documentos que legitimaram direitos e obrigações aos homens e cidadãos.

A representatividade da voz feminina sempre encontrou limitações em múltiplos contextos. Nesse sentido, a pesquisa que possibilitou a escrita deste trabalho analisou o espaço social da voz feminina a partir da obra literária *A vida é a margem* (2006), de Josué Luz.

Conforme propusemos na parte introdutória, nossa pesquisa atingiu os objetivos propostos, porque conseguimos analisar o modo comportamental da voz feminina diante de diferentes modos de silenciamento observados nas três obras literárias selecionadas para essa finalidade. A obra analisada possibilitou a constatação de que a representatividade social feminina é cercada

de violência doméstica, física e verbal, que é um dos problemas que mais procuram silenciar as mulheres. Os espaços ocupados pelas mulheres nessas obras revelam o sentimento de posse, subjugação, ignorância, marcas, preconceitos, medos, dores, friezas, indiferenças, ódio, vingança e domínio do homem na condição de sujeito opressor em relação à mulher em seu espaço familiar. Infelizmente, os fatores comportamentais permeiam aspectos culturais, sociais, físicos e mentais que resultam, por exemplo, na morte de mulheres vítimas de feminicídio.

A representatividade de voz feminina na visão de Josué Luz abarca mulheres sertanejas totalmente subjugadas à figura masculina, retratando explicitamente a configuração imposta pelo patriarcalismo. Isso revela que o esforço das mulheres em ocupar seu espaço de voz nem sempre encontra seus lugares legítimos, pois há situações em que elas são silenciadas e condicionadas a cuidar do lar, parir e servir o homem.

Além disso, e no contexto de nosso movimento de análise, contemplamos o objetivo de problematizar as diferentes formas de violência praticadas contra as mulheres, que resultaram em significativas análises, apesar de nada agradáveis, porém necessárias pois espelham um retrato de uma cultura machista enraizada de forma sutil voltada para a culpabilização de indivíduos e não por moldes culturais que criaram estereótipos que resultaram em limitações, inferioridade, preconceitos e subjugações.

Diante do exposto, a pesquisa que realizamos possibilitou a execução e conclusão de um estudo que identificou os diferentes modos de silenciamento da voz social feminina. Frente a isso, concluímos que o reconhecimento da voz feminina no meio familiar ou social é fundamental. Isso se dá porque elas sempre foram vítimas do paradigma patriarcal, bem como das condições impostas pelas múltiplas configurações da sociedade.

Referências

ALENCAR, Larissa Siqueira de; CASTILHO, Maria Augusta de. "Gênero e relações étnico-raciais: a mulher negra brasileira em debate", **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, (abril-junio 2016). Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ccss/2016/02/mulheres-negras.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BARBATO, Silviane; CAIXETA, Juliana Eugênia. **Identidade feminina - um conceito complexo**. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103=863-2004000200010X&script=sci_arttext. Acesso em: 02 nov. 2020.

BARROS, Sílvia. **Autoria Feminina: Romantismo na Contemporaneidade**. 2014. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25178>. Acesso em: 23 ago.2021.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/rxXDkxX8hshjGT9vsDwbndx/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CASTRO, Ana Beatriz Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos Santos; SANTOS, Jássira Simões dos (2018). **Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho na sociabilidade capitalista**. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51197-29062018-084053.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. (2007). Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso em: 15 jun. 2021.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** - diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KESSLER, Márcia. **Mulheres empreendedoras: Conflitos entre trabalho e família**. (2016). Disponível em: <https://rd.ufs.edu.br/handle/prefix/1605>. Acesso em: 17 nov. 2021.

LIMONGI, Fernando; OLIVEIRA, Juliana de Souza; SCHMITT, Stefanie Tomé. **Sufrágio universal, mas... só para homens. O voto feminino no Brasil** (2018). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/FYkrhym6TpRzRf78q7F7Mmq/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.

LUZ, Josué. **A vida é a margem**. Goiânia; Kelps. 2006.

MARQUES, Gisela de Moura Bluma; AMORIM, Ana Carla de. **Os caminhos das mulheres: um recorte histórico para legitimar as questões de gênero** (2015). Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16908_8877.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

MONTEIRO, Helena Maria Diu Raposo. **Mulher, trabalho e identidade: relatos de mulheres em cargos de poder e prestígio sobre suas trajetórias profissionais** (2015). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17313>. Acesso em: 21 dez. 2021.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos, OLIVEIRA, Raíssa Medici de; **Forma de vida feminina na Revista Você S/A: Uma análise semiótica do percurso de empoderamento do ator mulher executiva contemporânea** (2005). Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/download/5513/3358>. Acesso em: 03 nov. 2020.

OLIVEIRA, Cibele Roso; TRAESEL, Elisete Soares. **Mulher, Trabalho e Vida Familiar: A Conciliação De Diferentes Papéis Na Atualidade** (2005). Disc. Scientia. **Série: Ciências da Saúde**, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 149-163, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/943>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. - 3. ed. - Campinas: Pontes Editores. 2015.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi - 7. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores. 2015.

OLIVEIRA; LIMONGI; SCHMITT. **A personagem feminina da literatura brasileira romântica,**

realista e contemporânea (2018). Disponível em: http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/download/744/pdf_64. Acesso em: 15 jun. 2021.

PINTO, Fabiane Natália de Souza. **Duas Faces da Mulher Contemporânea: Carreira e Maternidade** (2015). **Dissertação de Mestrado em Psicologia**. PUC-Rio. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25556/25556_3.PDF. Acesso em: 09 jun. 2021.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. **Um olhar sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em: 15 jun. 2021

ROSSINI, Taíza Cristina Nogueira. **A Construção do feminino na literatura: representando a diferença** (2014). Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/download/16761/15491/40451>. Acesso em: 15 out. 2021

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. - 23. ed. ver. e atual. - São Paulo: Cortez, 2007.

VIEIRA, Antunes Josênia. **A identidade da mulher na modernidade** (2005). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/9zX7SwFpWpng6tcncZnsrdj/?lang=pt>. Acesso em: 17. nov. 2021.

CAPÍTULO VII

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA TOCANTINENSE NA
FORMAÇÃO DE LEITORES¹Rubens Martins da Silva²Maria Susete Jaccomini³**Introdução**

Os estudos literários permitem que as atividades escolares potencializem a formação de leitores. Nessa linha, as obras literárias publicadas no Tocantins servem, por exemplo, como fundamentos desta perspectiva. Assim, o estudo sobre a obra “*O Quati e outros contos*” (2001) de Fidêncio Bogo, por exemplo, fornece os elementos para a compreensão da formação de leitores.

Entende-se, de modo geral, que os jovens estudantes, pelo menos em sua maioria, não têm o hábito da leitura literária, mesmo sabendo que ela contribui para a ampliação de visões, vocabulários, argumentos, valores, ideias.

Quando os professores solicitam de seus alunos a realização de leituras literárias, muitos entortam narizes, distraem-se, cansam-se, reclamam, riem. Preocupados, então, os professores tentam convencê-los da necessidade do dever e do prazer pelas leituras.

A obra “*O Quati e outros contos*” (2001) é considerada uma das opções utilizadas nessa tentativa, tendo em vista a necessidade de prender os jovens à leitura sadia e sem fragmentações, vivendo verdadeiros momentos de trocas de saberes interdisciplinares. Neste enfoque, ler, interpretar, compreender, relacionar, corresponder, sequenciar, analisar, comparar, imaginar, produzir, reproduzir são imprescindíveis e estão intimamente interligados desde que sistematizados, isto é, difundidos diariamente pelos professores nos momentos de leitura.

Sabendo que as obras clássicas têm preferência no contexto educacional, a literatura regional, sob o entendimento de “literatura tocantinense”, percebe-se a existência de obras indispensáveis aos estudos literários.

No intuito de revelar a contribuição de algumas dessas obras, questionam-se: O que representa a literatura tocantinense para os professores e alunos? Os contos tocantinenses são lidos pelos estudantes da educação básica ou superior? Esclarece-se que as obras publicadas por escritores

1 Este capítulo resultou da pesquisa de mestrado realizada pelo professor Rubens Martins da Silva, na PUC Goiás, e de atividades pedagógicas realizadas em parceria com a professora Maria Susete Jaccomini, no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína - TO.

2 E-mail: rubens.ms@unitins.br

3 E-mail: msjacomini@gmail.com

tocantinenses são significativas para os estudos, apesar de ainda estarem nas vias do anonimato. Consequentemente, há a necessidade de uma leitura detalhada e de divulgação das obras para a devida contribuição ao processo de formação de leitores. Nesse sentido, este texto objetiva demonstrar o constructo de ações práticas de leitura realizadas para a consolidação da formação de leitores.

A obra "*O Quati e outros contos*" (2001) corresponde a uma produção literária centrada nas possibilidades de descoberta dos valores de criação do estado do Tocantins, embora sua aplicabilidade nos estudos literários ainda esteja em processo de crescimento.

Considerando-se as inferências apresentadas para o estudo da obra "*O Quati e outros contos*" (2001), destaca-se que a mesma, a cada dia, se mostra como um ícone em expansão, desde a quantidade até a qualidade de suas publicações. Pela qualidade, constata-se a essência dessas obras. Nisso, o conhecimento e o acesso às obras publicadas no estado do Tocantins revelam ao público leitor os elementos necessários para o processo de formação de leitores.

Rumos da literatura para a formação de leitores

A literatura, na prática, é explorada para a realização de atividades de leitura. Nisso, os rumos, ou seja, os percursos contemplados fornecem os elementos necessários às atitudes práticas em sala de aula. Assim, o papel da literatura consiste no estabelecimento de debates literários para a aprendizagem da própria língua. A literatura "garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua" (BRASIL, 2008, p. 49).

Todos os avanços literários exigem que os professores trabalhem essas concepções em aulas mais específicas, pois não se pode avançar na formação de leitores, se os espaços não são oferecidos a contento. O real estudo literário é aquele que se faz na e pela análise da linguagem em todas as áreas do conhecimento, a exemplo das propostas de leituras temáticas e imagéticas. Os rumos literários para a compreensão de sua contribuição ao leitor abarcam o foco da leitura literária, ante o objetivo que ela exige do leitor.

Diante de todo estudo literário, qualquer que seja seu objetivo, a primeira questão a ser colocada, embora pouco teórica, é a da definição que ele fornece (ou não) de seu objeto: o texto literário [...]. É importante, então, descobrir qual é a intenção, a realidade, a recepção, a língua, a história e o valor literário (COMPAGNON, 2001, p. 29).

Assim, o estudo literário alcança contornos de uma atividade que necessita de interferência, de interpretação. Na concepção de Iser (1996), o leitor complementa os "espaços vazios" existentes na obra literária. Espaços esses que não se tornam "verdades imutáveis" pelo leitor, mas em críticas que fundamentam o *locus* literário.

O movimento que a literatura tocantinense atinge enquanto objeto prático ao leitor segue a visão espiralar da literatura moderna. Nessa mesma linha, projeta-se o movimento artístico da literatura tocantinense, de agora em diante representada por (LT). Nesse enfoque, a LT é um objeto em movimento que guia os desafios para o plantio da recepção e para a colheita de seus valores,

por meio de uma literatura situada nas margens, porém com significados ao campo dos estudos literários.

Nessa visão, este estudo contribui para que o leitor, professor ou aluno, descubra na LT a experiência da razão de ser, pois ela fornece indicativos à descoberta de significados necessários à vida.

A interpretação imagética de “*O Quati e outros contos*” (2001), dá o tom dessa concepção. Afinal, a percepção das imagens de derrubadas das árvores, da mortandade de animais e de poluição dos córregos e rios indicam a existência de uma paisagem afetada pela ação humana.

Compreende-se diante da importância literária que sua égide, vista como referência ao processo de formação do leitor, encontra assentamento na visão metafórica formatada pelo discurso em fase hermenêutica e ficcional, o qual forma o cerne literário e, nesse contexto, a metáfora contida na palavra é vista como “uma estratégia de discurso que, ao preservar e desenvolver a potência criadora da linguagem preserva e desenvolve o poder *heurístico* desdobrado pela *ficção*” (RICOUER, 2005, p. 13).

Atento ao campo que ocupa, a LT se encaminha para provocar no leitor a recepção que o permite complementar os espaços vazios contidos na linguagem, sobretudo nos discursos em processos constitucionais. O campo de recepção, papel do leitor, conforme defende Iser (1996) é contemplado porque a metáfora da palavra faz da LT um contexto discursivo, cujo “efeito depende da participação do leitor e sua leitura” (ISER, 1996, p. 34) diante da própria “metáfora liberada pelo poder que algumas ficções têm de redescrever e de reescrever a realidade” (RICOUER, 2005, p. 14).

Na percepção de que a LT aduz aos rumos da leitura, o ato provocativo de Compagnon (2009), na obra “*Literatura para quê?*”, conduz o leitor a entender sua contribuição para os estudos por vários questionamentos.

O que a literatura pode fazer? Para que serve a literatura? Qual a pertinência da literatura para a vida? Qual é a sua força, não somente de prazer, mas também de conhecimento, não somente de evasão, mas também de ação? E, afinal o que é mesmo a literatura? (COMPAGNON, 2009, p. 24).

Os questionamentos assinalados por Compagnon (2009) são, aqui, transliterados para perguntar: o que representa a LT para os estudos literários? A LT tem força para trazer conhecimento e necessidade de tomada de ações pelo leitor? Todos estes questionamentos são contemplados nas propostas de leitura sugeridas.

Seguindo as abordagens de Magda Soares (1999), defende-se que a LT, para a percepção das propostas de leitura pela temática e imagética, alcança seus significados nos eixos da escolarização literária. Assim, a centralidade da literatura pela leitura abarca o gênero contista, poético e romântico da LT, para disseminar que essas obras têm força para a formação de leitores, inclusive pelo uso da biblioteca.

É possível escolarizar a literatura a partir de diferentes estratégias:

A primeira estratégia é o próprio estabelecimento de um local *escolar* de guarda e de acesso à literatura. Uma segunda estratégia é a organização do espaço e do tempo de acesso aos livros e de leitura – *onde se pode* ou *se deve ler* (na própria biblioteca escolar? Em que lugar da biblioteca?), *quando e durante quanto tempo se pode ler* (durante a “aula de biblioteca”? quando se pode ir à biblioteca buscar um livro? Quanto tempo se pode ficar com o livro?). Outra estratégia é a seleção dos livros – quais livros a biblioteca oferece à leitura, que livros excluem ou “escondem”, que livros expõem mais abertamente. Também a determinação de rituais de leitura constitui estratégia de escolarização da literatura no âmbito da biblioteca – desde as fichas que é preciso preencher e respeitar, até como se deve ler (em silêncio, sem escrever no livro, passando as páginas de certa maneira, não dobrando o livro etc.) e em que posição se deve ler (sentado adequadamente, segurando o livro de certa maneira etc.) (SOARES, 1999, p. 23).

As abordagens inerentes ao uso da biblioteca são importantes para os estudos da LT porque ajudam os alunos a conhecerem as obras disponíveis na biblioteca. Soares (1999, p. 25) indica que esta é uma das tarefas mais complicadas para a escola, pois nesse processo “a escolarização da literatura é mais intensa”. Exatamente porque exige uma familiaridade com uma maior diversidade de textos.

Os significados da literatura tocantinense

A produção literária tocantinense se destaca, também, pelas obras produzidas sob o gênero conto. A vertente de sua tênue existência enfatiza que esse gênero sempre estará no foco dos escritores tocantinenses e, mais ainda dos leitores, devido às provocações que ele realiza para o entendimento de suas mensagens. Assim, a LT provoca o olhar pela alteridade. Um olhar que multiplica por outros, permitindo a revelação de destacáveis lições.

Nesse enfoque, a obra “*O Quati e outros contos*” (2001), de Fidêncio Bogo, revela, em razão das temáticas e do contexto imagético, a importância de se falar sobre o que se assimilou da obra. Nisso, Bogo (2001, p. 11) esclarece que “ao escrever estes contos procurei temas que, além de satisfazerem meus pendores literários, servissem, em sua maioria, para discussão nas escolas e em outras instituições interessadas”. Por essa vertente, abre-se, aqui, um leque de objetividade que as obras tocantinenses oportunizam para a formação de leitores.

Assim como as árvores, a debilitação humana atinge sempre os mais fracos, os quais não têm como se reerguer para voltar à vida produtiva que antes viviam. Bogo (2001, p. 62) revela ao leitor essa concepção ao abordar que “quando um dos gigantes da selva tombava, dezenas de arbustos morriam com ele, esvaçados na queda”. Suscitando essa mesma realidade, a metáfora viva (RICOUER, 2005) revela o estado de morte de muitos produtores que se envolvem com o plantio ou criação de animais para determinados fins, mas que têm como resultado apenas o abandono por parte das grandes empresas que controlariam e dariam os resultados financeiros esperados.

As propostas de leitura pela literatura tocantinense

O foco contributivo da literatura tocantinense na formação de leitores torna-se uma tarefa elementar para o trabalho pedagógico, porque os resultados esperados transcendem à simplicidade de uma leitura verbalizada para uma leitura que resulta em produção de saberes, além da trivialidade. Para a LT se tornar explorada, conforme se espera, não falta muito. Há sim, que se estabelecerem processos de leitura reveladores de sua importância para a conquista dos saberes pelos alunos. Nesse processo, o estudo literário nas atividades práticas de leitura, fundamenta-se como o elemento de suporte pedagógico que o professor dispõe para ministrar suas aulas.

Segundo a Proposta Curricular do Ensino Médio (2009), do Tocantins, “espera-se que o aluno mostre suas competências destinadas a compreender as relações entre o texto literário e o contexto histórico, social, político, e cultural, e a conhecer a cultura do Tocantins por meio da literatura tocantinense” (TOCANTINS, 2009, p. 310).

A leitura pelo processo imagético

A poeticidade revela que a imagem é poética para a formação de leitores em razão de “emergir na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser humano tomado em sua totalidade” (BACHELARD, 2008, p. 02).

Os delineamentos literários relacionados à formação de leitores pelo foco das imagens acústicas transitam pelo desafio da percepção de sua constituição além do signo pela expressividade de sua conceitualização ou materialidade. O efeito da sinalização imagética expande-se desde o silêncio da palavra artística até sua efetivação sonora. A construção acústica da arte literária perpassa pela concepção de Bachelard (2001), ao ponderar que a todo instante os sons imagéticos são desconstruídos e reconstruídos a todo tempo pela capacidade imaginativa.

A imagem acústica presente na palavra, em arte estética, torna-se perceptível pela existência do verso ou da frase, com ou sem rima, por sua forma expressiva de literariedade e, tal como o som das notas musicais, apresenta seus discursos rumo à formação do leitor. O caráter estrutural das imagens acústicas compõe-se da singularidade presente no significado das letras, das palavras. Figurada como representatividade, a imagem acústica, a partir de cada nota, é solidificada por meio dos códigos representativos de cada nota musical.

Ao olhar para o discurso da palavra literária, as imagens visuais já se encontram primariamente formada. O sentido verbal da palavra utilizada pelo narrador em sua tessitura é o elo que coloca o leitor em contato com as imagens que brotam incessantemente de seu discurso. Cada imagem visual percebida pela leitura garante uma contemplação dos sentidos, visto as características de relação da obra com o próprio homem e seu mundo real.

Diante do texto literário, o leitor adquire uma visão de analisar a obra pelo viés de sua capacidade discursiva. Atine à imagem ideal, o desafio do leitor literário consiste em percorrer o contexto discursivo de sua leitura, o qual lhe exige a tomada incessante de novos rumos para a busca infinita da ideia do texto. Toda essa busca transita pela percepção diáfana e inacessível da

arte postulada na poeticidade textual.

Ao realizar a leitura, a imaginação do leitor o conduz ao contexto infinito dos significados do texto. Essa ascensão, nos postulados de Bachelard (2001), transita pela tarefa da assimilação dos sentidos da imagem literária por meio do preenchimento dos sentidos do homem.

O foco da imagem ideal para Bachelard (2001) indica que o leitor busca em sua leitura a percepção do colorido da linguagem para, a partir dela, perceber a sensibilidade e a ficcionalidade das imagens.

A figura é precisamente o que faz o discurso aparecer dando-lhe, como nos corpos, contorno, traços, forma exterior. Nisso há uma ocupação com o colorir da linguagem, com o colocar das imagens, em quadros, e fazer dela uma pintura animada e falante; gerando uma imagem sensível e uma imagem que possa ser figurada pelo olho e pela mão, rumo a uma imaginação metafórica (RICOUER, 2005, p. 101).

No contexto da infinitude constitutiva dos sentidos que a leitura oportuniza pela exploração das imagens ideais, enquanto objeto ascensional da contemplação textual em suas multiplicidades de sentidos garantidores da formação ideal do leitor, enfatiza-se, pela expressividade da LT, que é preciso fazer uso da literatura na sala de aula para que os alunos consigam ler quaisquer textos e, a partir deles, compreender a abertura de seu imaginário em prol da essência textual.

Segundo enfatiza Bachelard (2001), o processo imagético da leitura só acontece quando o leitor desliza pelos quatro elementos fundamentais: fogo, ar, água e terra para, a partir deles perceber o que a obra de arte, a literatura, lhe revelará. Seguindo esse processo, o leitor adquire as competências e habilidades necessárias para a contemplação do caráter ascensional da leitura, que aqui se inicia pelos estudos da LT. Nesse sentido, o leitor torna-se capaz de perceber o sublime, o belo e a elevação do processo imagético.

Propostas de aplicação da LT para a formação de leitores

As obras tocantinenses, no gênero conto, dão ao professor inúmeras possibilidades de atendimentos às necessidades de aprendizagem dos alunos. Nesse sentido e, assumindo o papel de mediador da leitura, cumpre ao professor o estabelecimento de formas de leitura que instiguem os alunos a gostarem da literatura regional. Para isso, uma proposta de leitura que atenda esse objetivo centra-se na realização de atividades pela concepção de “leitura temática”. Nos contos da obra “*O Quati*”, de Fidêncio Bogo (2001), é possível trabalhar esse processo em razão das temáticas neles apresentadas, tendo possibilidades para a realização de debates sobre o meio ambiente, preservação da fauna e da flora e do próprio ser humano.

Nesse sentido, a obra de Bogo (2001) orienta o leitor a cuidar da fauna mediante a percepção do comportamento assassino do homem. “Não fosse por mim, [...] o quatizinho, estaria vivo e feliz, solto pelo cerrado” (BOGO, 2001, p. 15). Da mesma forma, a mata, pela preservação do meio ambiente, estaria erguida, não fosse a ambição humana, pois “tronco após tronco, as árvores foram impiedosamente abatidas” (BOGO, 2001, p. 62).

Considerados como elementos indispensáveis aos estudos, o Referencial Curricular do Tocantins (2009) tratou dos Temas Transversais como processos urgentes para os estudos na escola, exatamente porque eles possibilitam ao “aluno o desenvolvimento de capacidades para se posicionar diante da problemática social e da possibilidade de aprendizagem” (TOCANTINS, 2009, p. 25), para dar resposta aos atos praticados em decorrência de ajuda de Referencial Curricular do Tocantins (2009).

Ética - a ética é a reflexão sobre o comportamento humano, “o como agir perante o outro”, ela deve fazer parte dos objetivos maiores da escola e estar a serviço da formação para cidadania.

Pluralidade Cultural - dada a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira a escola deverá combater o preconceito e a discriminação através do diálogo e vivências de sua cultura e do respeito às outras formas de expressão cultural.

Meio Ambiente - ao tratar do objeto da área ambiental, a escola deverá considerar as relações sociais, econômicas e culturais do ser humano com o meio ambiente e estabelecer metas para o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental sustentável.

Saúde - O tema saúde deve ser trabalhado levando em conta as condições de vida retratadas nas relações com o meio em que vive.

Orientação Sexual - A orientação sexual na escola tem como objetivo informar e problematizar as questões relacionadas à sexualidade. O tema orientação sexual traz como eixos fundamentais o corpo humano, relações de gênero e prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), nas dimensões sociológica, psicológica e fisiológica.

Trabalho e Consumo - O tratamento deste tema na escola se baseia na discussão e reflexão sobre o trabalho e o consumo, no sentido de explicitar as relações sociais nas quais se produzem as necessidades, os produtos e os serviços, que forneçam uma distribuição justa do ponto de vista social (TOCANTINS, 2009, p. 25).

De acordo às concepções dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), observa-se que a organização das áreas curriculares está estruturada nos princípios pedagógicos da interdisciplinaridade.

Considerações Finais

Centrada no cunho da Linguagem, a LT, enquanto objeto de um trabalho literário, alcança o movimento espiralar da palavra em prol da formação de leitores. Nesse sentido, elas estabelecem diretrizes contributivas às reflexões destinadas à escolarização literária.

As propostas de leituras referenciadas neste trabalho dão respostas à problemática de que as obras literárias tocantineses estão nas bibliotecas das escolas estaduais para serem apreciadas e, sobretudo, exploradas em diferentes ações de leitura. Afinal, as vertentes que marcam o leitor tocantinense sustentam que é possível usar a LT com a finalidade da formação de leitores.

Referências

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. - 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRASIL. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio).

BOGO, Fidêncio. **O quati e outros contos**. Palmas - TO, 2001.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol. 01. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: MARTINS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina. MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TOCANTINS. **Referencial Curricular do Ensino Fundamental das Escolas Públicas do Estado do Tocantins**. 2. ed. Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 2009.

TOCANTINS. **Proposta Curricular do Ensino Médio do Tocantins**. Versão preliminar - 2ª impressão. Secretaria de Estado da Educação e Cultura, (2009).



EDITORA
UNITINS